

JAN-FEV 2017

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 13,80



ALÉM DA SEMEADURA

Plante igrejas com potencial de multiplicação

De volta às origens

Em abril de 2016, um relatório estatístico da sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia apontou para o fato de que a cada 3,2 horas, uma nova congregação era aberta no mundo, um recorde histórico para a denominação. Somente na América do Sul, foram plantadas mais de 1,2 mil congregações nos últimos 12 meses, um número realmente significativo.

O propósito de se estabelecer novas congregações tem sido amplamente difundido no contexto evangélico. Peter Wagner, que faleceu recentemente aos 86 anos e foi uma das vozes mais influentes do Movimento de Crescimento de Igreja, afirmou que “o único método evangélico mais eficaz debaixo do céu é plantar igrejas”. Ampliando a discussão, Craig Ott e Gene Wilson destacam o fato de que, lamentavelmente, a prática e a teologia da missão têm se desenvolvido de modo separado. Contudo, “se a igreja ocupa o centro da missão de Deus, a plantação de igrejas deve ser igualmente central nessa missão”.

Mais do que estar inserido em um movimento que propaga a multiplicação de congregações, no contexto adventista, quando um pastor se envolve no processo de plantio de igrejas, ele reencontra-se com um paradigma histórico de sua função. Até o início do século 20, a característica número um dos pastores da denominação era o compromisso com a plantação de igrejas.

Tiago White, cofundador da Igreja Adventista, escreveu em 1862 que pastores incapazes de plantar igrejas e preparar membros para sustentá-las tinham “razões para concluir que cometeram um triste equívoco” ao pensar que haviam sido chamados ao ministério (*Review and Herald*, 15/4/1862). Por sua vez, Ellen G. White, ao longo de sua vida, manteve a ideia de que os ministros deveriam plantar igrejas, capacitar os membros para o pastoreio mútuo e o evangelismo e desbravar lugares ainda não alcançados. Para ela, “ministros que rondam as igrejas, pregando àqueles que conhecem a verdade, fariam melhor se fossem a lugares ainda em trevas. A menos que façam isso, eles e suas congregações se tornarão insignificantes” (*Review and Herald*, 9/2/1905).

Tal compreensão foi determinante para garantir um amplo crescimento entre os últimos anos do século 19 e os primeiros do século 20. Em 1912, Arthur G. Daniells, presidente mundial da igreja, ao avaliar o avanço da denominação até aquele momento, acreditava que,



Quando um pastor se envolve no processo de plantio de igrejas, ele reencontra-se com um paradigma histórico de sua função.”

enquanto os ministros se mantivessem dispostos a plantar e os membros capacitados a conduzir a congregação plantada, o adventismo avançaria.

Apesar dessa visão clara em relação à multiplicação de igrejas, ao longo do tempo a ênfase no plantio de novas congregações acabou se diluindo, e muitos deixaram de ser intencionais em seus esforços de ampliação. Possivelmente, os movimentos de crescimento e plantio de igrejas que surgiram a partir da segunda metade do século 20 tenham promovido uma nova dinâmica que, em nossos dias, resulta em uma grande onda de implantação de novas comunidades.

A empolgação com tal fato, porém, não deve substituir a cautela em seu processo. Antes de mais nada, o pastor-plantador de igrejas deve priorizar seu crescimento espiritual. O perfil empreendedor que se espera de um plantador de igrejas deve caminhar junto à sua santidade. E precisamos ser honestos: resultados numéricos nem sempre são diretamente proporcionais à consagração dos obreiros.

Além disso, o ministro precisa estar alicerçado em uma teologia sólida, que norteará não somente a mensagem a ser pregada, como também a forma pela qual a igreja será organizada. Longe de seguir modismos, o plantio de igrejas precisa estar em consonância com uma eclesiologia saudável, bíblica.

Por último, mas não menos importante, o pastor deve ser exemplo de vida missionária. Deve seguir o modelo de Cristo: “O Salvador misturava-Se com as pessoas como alguém que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por elas, ministrava-lhes às necessidades e conquistava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143).

Espiritualidade genuína, teologia saudável e espírito missionário, catalisados pelo poder do Espírito Santo, farão com que o êxito acompanhe o desafio de plantar igrejas. Para os que estão dispostos a se envolver nessa tarefa, boa colheita! **TM**



Wellington de Moraes

Wellington Barbosa é doutorando em Ministério (Andrews University) e editor da revista *Ministério*

10 De olho nas cidades

Gérson P. Santos

A importância de estabelecer novas igrejas no contexto urbano

13 Comunidades multiplicadoras

Peter Roennfeldt

Plante igrejas preparadas para se reproduzir

16 Servolução extrema

David Jamieson

Ajude a igreja a promover uma revolução do bem onde ela está plantada

20 Ninguém sabe nem o dia nem a hora

Ekkehardt Mueller

Um estudo a respeito do significado da afirmação de Cristo em Mateus 24:36

24 Teologia da pregação

Aarón Menares

O que pregadores podem aprender ao estudar o discurso de Deuteronômio 28:1 a 15

26 Parceria ministerial

Ezinaldo Pereira

Quando pastores e colportores trabalham unidos, quem ganha é a igreja

30 Multiplique esperança

Erton Köhler

Conheça os planos da Igreja Adventista do Sétimo Dia para 2017



10

- 2 Editorial
- 4 Palavra do leitor
- 5 Panorama
- 6 Entrelinhas
- 7 Entrevista
- 32 Pastor com paixão
- 33 Dia a dia
- 34 Recursos
- 35 Palavra final



20



30

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 89 – Número 529 – Jan/Fev 2017

Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Assistente de Editoria Milenna Vieira

Projeto Gráfico Levi Gruber

Capa Eduardo Olszewski e Fotolia

Colaboradores Especiais Carlos Hein; Lucas Alves; Jerry Page

Colaboradores Alberto Peña; Arildo Souza; Cícero Gama; Cláudio Leal; Cristhian Alvarez; Edilson Valiante; Edmundo Ferrufino; Fabian Marcos; Geraldo M. Tostes; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Jair G. Góis; Mitchel Urbano; Rodrigo Cárcamo; Rubén Montero

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br

www.facebook.com/revistaministerio

Twitter: @MinisterioBRA

Redação: ministerio@cpb.com.br



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34
18270-970
Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima

Diretor Financeiro Uilson Garcia

Redator-Chefe Marcos De Benedicto

Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 67,00
Exemplar Avulso: R\$ 13,80



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5499 / 3547

Os desafios da liderança

Gostei muito das duas últimas edições da *Ministério*. A do sexto bimestre trouxe excelentes artigos. Destaco os textos dos doutores Elias Brasil de Souza e Milton Torres, embora tenha algumas observações sobre as considerações do doutor Torres. Apreciei também a seção "Dia a dia", com as dicas do pastor Danielson Silva. Gostaria de sugerir que a revista dedicasse uma edição para o tema hermenêutica e exegese. Precisamos refletir mais acerca da importância de expor o texto bíblico e ensiná-lo à igreja. Seria bom se a *Revista Adventista* e a *Ministério*, que alcançam pastores e membros, revisitassem simultaneamente esse tema.

Geraldo Beulke Jr.
Itabuna, BA

Pais e filhos

Muito apropriado o artigo da Dra. Claudia Bruscin (4º bim/2016). Estudei em dois colégios internos e percebo-se que, aparentemente, os filhos de obreiros são os mais "problemáticos". É notório que existe uma cobrança, em alguns casos velada e, em outros, escancarada, sobre os filhos de pastor, a fim de que sejam perfeitos. Ao ler o artigo, flagrei-me em alguns pontos abordados no presente em que "peço", exigindo mais do que eles podem ser. Agradeço imensamente à *Ministério* pela escolha do assunto e da autora.

Alex Will
Colatina, ES

Sugestão

A revista *Ministério* está de parabéns! Contudo, quero sugerir algo. Que tal produzir uma série sobre o trabalho ministerial nas diferentes regiões missionárias da América do Sul? Parece que a ideia de ser missionário está ganhando espaço no coração dos pastores adventistas. Talvez uma série de artigos sobre os desafios e os milagres que acontecem nessas áreas poderia despertar o interesse de mais pastores, a fim de que conheçam uma realidade diferente e, ao mesmo tempo, empolgante!

Disraeli Almeida
Manacapuru, AM

Contribua com a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil para identificação na matéria.

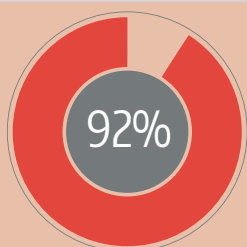


No que creem os adventistas?

Em outubro de 2016 ocorreu na Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, o Concílio Anual, encontro que reúne representantes da denominação vindos de todas as partes do mundo. Na ocasião, David Trim, diretor do Departamento de Arquivos, Estatísticas e Pesquisa da sede mundial, apresentou o resultado de uma pesquisa envolvendo 41 mil membros, de todas as regiões em que a Igreja Adventista

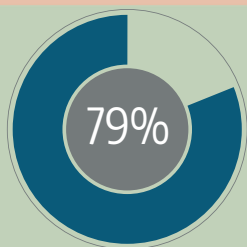
está estabelecida. A investigação, que se utilizou de uma abordagem qualitativa e quantitativa, é parte do processo de planejamento estratégico mundial, que visa ampliar a presença denominacional em todos os continentes.

A pesquisa investiga a atitude dos adventistas em relação a certas doutrinas ensinadas pela igreja. Parte dos resultados quantitativos pode ser vista a seguir:



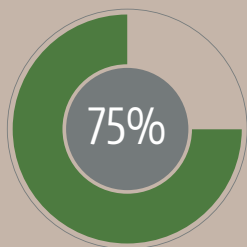
O sábado do sétimo dia é o verdadeiro sábado:

92% concorda fortemente
5% concorda mais do que discorda
1% discorda mais do que concorda
2% discorda fortemente



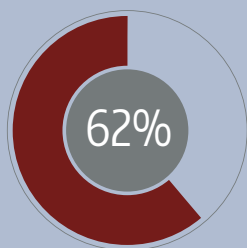
A imortalidade condicional

79% concorda fortemente
8% concorda mais do que discorda
3% discorda mais do que concorda
10% discorda totalmente



O estilo de vida saudável

75% aceita totalmente
12% aceita porque a igreja ensina
5% tem algumas observações sobre o tema
2% tem grandes dúvidas sobre o tema
3% não aceita
3% não é um tema importante



O santuário celestial e o juízo investigativo

62% aceita totalmente
13% aceita porque a igreja ensina
10% tem algumas observações sobre o tema
5% tem grandes dúvidas sobre o tema
6% não aceita
4% não é um tema importante

Fonte: David Trim, *Key Research Findings: What Adventists Believe*, <adventistarchives.org>, outubro de 2016.

Gente cuidando de gente

Aproximava-se um dos momentos mais difíceis para os discípulos. Jesus havia se reunido com eles em uma aldeia, a poucos quilômetros de Jerusalém. Um sentimento de tristeza, lembranças e a dor da despedida apertavam o coração deles. Na mente, imagens daquela íntima convivência com o Mestre, durante mais de três anos. Elas eram fortes, emotivas e impactantes. Em seu último encontro com os discípulos, o que Jesus lhes disse? O que Ele esperava daqueles pelos quais deu Sua vida? Quais foram Suas prioridades?

Jesus afirmou: “Toda a autoridade me foi dada no Céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28:19, 20). Gostaria de destacar três aspectos dessa declaração:

Toda a autoridade. Por que precisamos de toda a autoridade? Porque a natureza de nossa missão não pode ser interpretada somente de maneira humana, carnal ou terrena. Como ministros e líderes de um rebanho, é importante considerar que há lugar para transpiração, esforço e mobilização da igreja para o serviço, mas jamais podemos nos esquecer de que “a comunhão com Deus comunica aos esforços do pastor um poder maior que a influência de sua pregação. Ele não deve se permitir privar-se desse poder” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 202).

Ide. Hendriksen, comentando as palavras de Cristo, especialmente o “ide”, escreveu: “O momento de fazer preparativos definidos para a propagação do evangelho ao mundo havia chegado” (W. Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento*, p. 1355). Esses preparativos foram caracterizados pela abrangência, intensidade e autoridade na pregação do evangelho que não deveria assumir aspectos pontuais e locais, mas abarcantes

e universais. O “ide” cabe a nós hoje do mesmo modo como Cristo o confiou à igreja apostólica.

Fazei discípulos. Na dinâmica do ministério e das suas múltiplas atividades é importante fazer uma pergunta, aparentemente, óbvia: Estou fazendo discípulos? Estou fazendo aquilo que Jesus espera de mim? Sem dúvida, precisamos acompanhar as construções e reformas das igrejas, realizar e participar de eventos, conduzir comissões, fazer séries de evangelismo, entre outras atividades. Entretanto, não podemos nos esquecer de que em meio a tudo isso, o compromisso de fazer discípulos deve assumir a primazia.

Alcançar, ensinar, cuidar, preparar e enviar gente para salvar gente foi o que Jesus fez, e é isso que Ele espera de cada um de nós. Ellen G. White disse que Cristo é o modelo de vida para todos, mas também, um modelo de serviço para seus ministros. Ela escreveu: “Que nossos ministros levem sua carga de responsabilidade com temor e tremor, buscando sabedoria do Senhor e suplicando constantemente por Sua graça. *Que façam de Jesus o seu modelo*, estudando diligentemente *Sua vida* e colocando todos os dias em prática os princípios que O dirigiram *em Seu* serviço, enquanto esteve na Terra” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 9, p. 124, grifo nosso).

Estamos começando um novo ano, cheio de desafios e de oportunidades. Com certeza, desejamos fazer mais e melhor. Por isso, aprender sempre de Jesus nos fará servi-Lo com maior excelência. Ver gente transformada e cumprindo a missão de Cristo é a maior recompensa de um ministério discipulador. **M**



Alcançar, ensinar, cuidar, preparar e enviar gente para salvar gente foi o que Jesus fez, e é isso que Ele espera de cada um de nós.”



Lucas Alves é mestre em Liderança (Andrews University) e serve como secretário ministerial associado para a Igreja Adventista na América do Sul

DNA missional

“Todos nós nascemos com DNA formado. Assim também a nova igreja precisa nascer sabendo que ela também irá se multiplicar. O avanço do reino de Deus não termina quando se alcança um território novo. Ele precisa ser expandido para novos lugares até os confins da Terra. Esse lugar pode ser um bairro vizinho, um vilarejo ou até outro município.”

por Márcio Nastrini



Cortezia do entrevistado

Em uma sociedade cada vez mais complexa como a que vivemos, plantar igrejas tem sido um empreendimento desafiador, especialmente no contexto urbano. Entretanto, plantadores de igrejas sensíveis a essa realidade têm sido bem-sucedidos ao desenvolver estratégias que mobilizem os membros para que eles sejam a ponte entre o evangelho e as pessoas a ser alcançadas.

O pastor Jackson Paroschi Corrêa é parte de um movimento de plantio que está se desenvolvendo no Sul do Brasil e que tem obtido resultados significativos. Nascido em Cianorte, PR, ele é bacharel e mestre em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, em Engenheiro Coelho. Seus 13 anos de ministério foram todos vividos em seu Estado natal. Em 2004, o pastor Jackson começou a trabalhar como capelão e pastor associado em Campo Mourão. Entre 2005 e 2007 foi pastor distrital em Mamborê. Em 2008, o pastor Jackson foi transferido novamente para a cidade de Campo Mourão, onde trabalhou até 2012. Desde 2013 é pastor do distrito da Neva, em Cascavel.

Casado com Vívian Corrêa, é pai de duas meninas, Júlia, de 9 anos, e Isabela, de 6 anos.

Ao longo de seu ministério você tem plantado várias igrejas. O que despertou sua atenção para essa atividade?

O plantio de novas igrejas é algo que tem acompanhado meu ministério, e eu louvo a Deus por isso! Mas tudo começou com um sonho no coração, após estudar na faculdade acerca de evangelismo, crescimento e plantio de igrejas. Esse sonho era algo que inicialmente parecia inalcançável e muito desafiador. Sentia-me pequeno para iniciar uma nova igreja em um novo território. No dia em que soube que assumiria meu primeiro distrito, em Mamborê, conheci o irmão Ilson Gomes, um ancião muito experiente. Entre as muitas coisas que conversamos, ele me apresentou o desejo de abrir uma nova congregação na cidade. Esse foi apenas meu primeiro dia como distrital, e o desafio de plantar uma igreja já se tornava presente. O irmão Gomes não apenas me desafiou, mas proporcionou condições

para que isso pudesse se tornar realidade. No primeiro semestre de 2005, já havíamos estabelecido a igreja do Alto da Glória, após a realização de um evangelismo público. Em 2008, quando fui transferido para Campo Mourão, conheci o irmão José Pires. Ele tinha o sonho de se mudar para Bourbonia, um distrito da cidade de Barbosa Ferraz, a fim de desfrutar de sua aposentadoria e plantar uma congregação naquela área sem presença adventista. Incentivei-o e dei apoio para que mais uma igreja pudesse nascer. O trabalho começou no mesmo ano e, em 2009, após realizarmos um evangelismo público, estabelecemos a nova igreja. Quando fui transferido para Cascavel, em 2013, percebi a necessidade de plantar mais congregações na cidade. Em um esforço conjunto com a sede administrativa dos adventistas para o Sul do Brasil, plantamos uma comunidade no bairro do Guarujá. Em 2016, decidi fundar mais duas igrejas: uma no Parque São Paulo, um bairro classe média-alta, e uma comunidade étnica para atender os haitianos, que se tornou realidade em uma parceria com o pastor Marcos Freires. Até o

momento, em meus 13 anos de ministério, tive a alegria de plantar quatro igrejas e uma comunidade étnica.

Você está participando de um projeto piloto de capacitação para plantadores de igrejas. O que tem chamado sua atenção nesse novo conceito de plantio?

No início de 2016 fui designado a participar de uma residência de plantadores de igrejas dirigida pelo pastor Gerson Santos, secretário associado da sede mundial da Igreja Adventista, e coordenada pelo pastor Alex Palmeira, atualmente líder de Missão Global para o Sul do país. O programa contém quatro módulos de estudo e capacitação. Quando comecei o primeiro, estava locando o auditório em que plantaria a igreja no Parque São Paulo e tinha pronto meu plano de plantio. Foi então que me deparei com uma proposta que fugia completamente do que estava acostumado a fazer. Assim, foi inevitável ter que alterar todo o planejamento.

Em vez de iniciar com uma proclamação pública, carro de som pelo bairro, semana de palestras para família, curso “Como Deixar de Fumar” e pregação doutrinária, começaria trabalhando com membros que aceitassem o desafio de expandir o reino de Deus, levando-os a um processo de discipulado. Essa é uma forma mais natural de plantio, em que os membros se tornam discípulos que carregam em seu DNA a necessidade de se multiplicar. Desse modo, eles cumprem sua missão, tirando o peso da responsabilidade única do pastor, de alguns obreiros bíblicos e voluntários. Isso é ministério de todos os crentes, a oportunidade de exercitar os dons, o serviço à comunidade como foco principal e uma igreja que se torna relevante onde está plantada. Uma congregação que se aproxima de líderes e pessoas influentes do bairro (prefeitos, vereadores eleitos por aquela comunidade, presidente da associação de moradores, líderes

religiosos, diretores de escolas) para descobrir as prioridades locais. Além de estudar a região, cada membro inserido no processo de discipulado passa a ter uma compreensão de si mesmo, de seu perfil individual, e também de seus pontos fortes e fracos. Cada um é mentoreado em seu processo de crescimento e, com isso, forma-se um núcleo de cristãos pronto a ser enviado para cumprir a missão.

Ninguém planta uma igreja sozinho! O plantio não depende do pastor distrital nem do evangelista, mas de todos os envolvidos nesse processo intencional.

Quais são as principais dificuldades enfrentadas em um projeto de plantio de igreja? Como o novo conceito tem ajudado você a superar esses desafios?

No modelo de plantio que se inicia com evangelismo público, destaco seis dificuldades principais. (1) O momento de transição no fim da campanha pública, quando normalmente se designa um obreiro ou líder experiente para que possa cuidar dos novos membros. Nesse caso, a responsabilidade de se manter a nova igreja fica sobre poucas pessoas. (2) Uma grande evasão dos novos membros e interessados quando percebem que “acabou o programa”. O pregador e outros da equipe com quem estavam acostumados vão embora. Reduz-se a utilização de recursos audiovisuais, os programas sofrem alterações e a

distribuição de presentes e incentivos acabam ou diminuem. (3) Alto custo para realização do evangelismo. (4) A dependência de um local físico para a igreja existir, pois o início ocorre num prédio específico. (5) As pessoas são apenas doutrinadas e não discipuladas. O foco está nos elementos cognitivos e não tanto em questões relacionais e missionais. (6) O novo membro não consegue ou não se sente apto para reproduzir o que recebeu. Não é capaz de pregar, de cantar, de se apresentar em público, de fazer uma programação como aquela. Assim, evita assumir responsabilidades na igreja.

Esses problemas são superados com esse “novo conceito” de plantio de igreja que, de fato, pode ser visto nas páginas do Novo Testamento. (1) Uma igreja que surge do envolvimento dos próprios membros não precisa passar por um momento de transição, pois seus membros já convivem e se alimentam juntos, conhecem uns aos outros e têm suas necessidades supridas em comunidade. Esses dificilmente apostatam, pois vivem como uma família cristã que se cuida.

(2) A responsabilidade pela manutenção da igreja não está sobre os ombros de alguns apenas, mas sobre todos os membros/discípulos. (3) Os custos para o plantio diminuem, pois não há necessidade de realizar grandes eventos e programas. Além disso, cada membro atuante expressa sua fidelidade a Deus por meio da devolução de ofertas, contribuindo com a manutenção do trabalho. (4) Essa igreja não depende exclusivamente de um prédio para existir, pois seu foco não é o templo nem o conforto, mas o serviço à comunidade. Ela pode existir numa praça, na casa de um membro, num salão alugado ou em qualquer outro lugar. (5) Os novos conversos são discipulados em um ambiente relacional com o foco na missão; assim, (6) fica fácil para eles reproduzirem o que receberam a seus amigos, familiares e vizinhos.

Qual é o papel dos membros voluntários no processo de plantio de igreja?

Ninguém planta uma igreja sozinho! O plantio não depende do pastor distrital nem do evangelista, mas de todos os envolvidos nesse processo intencional. Cada membro se torna um plantador de igreja. O sonho, as ideias, o planejamento, as ações, tudo precisa vir deles. De acordo com João 1:14: "O Verbo Se fez carne e habitou entre nós."

Esse é o modelo encarnacional da visão. Assim como Cristo Se tornou um conosco, os membros se tornarão um com a visão, com o plano e também com as ações. Tenho compreendido que as pessoas deixam de simplesmente pertencer a uma igreja e passam a ser ou viver a igreja. Muitos possuem dificuldades com a ideia arraigada de que igreja é algo que possa existir fora de si mesmo. Entretanto, no conceito bíblico, a igreja é formada por pessoas que vivem os princípios do reino de Deus. Cada um deixa de ser um membro ou até um "perdido" dentro dos templos para ser igreja, discípulo, alguém que usa seus dons espirituais e depende do Espírito Santo para realizar o ministério deixado por Deus a ele na região em que vive ou deseja plantar uma nova congregação.

De que maneira os membros são capacitados para se envolverem no processo de plantio?

A capacitação dos membros é o elemento-chave nesse modelo e ocorre em quatro etapas. (1) Avaliação: cada membro será avaliado em três áreas: (a) Caráter e espiritualidade: qual é o nível de dependência e relacionamento do plantador com Deus? Seu caráter reflete os princípios bíblicos (Gl 5:22-23; 1Tm 3:1-7)? (b) Paradigma vocacional: tem por base os cinco paradigmas pessoais dados em Efésios 4 (apóstolo, profeta, evangelista, pastor, professor). Há um teste gratuito chamado "APEST"

(<http://fivefoldsurvey.com/>) que mostra qual é a vocação primária e secundária do plantador. (c) Estilo pessoal: identifica-se o perfil de liderança de cada membro. Na primeira etapa também é avaliada a região em que se deseja plantar a igreja, para descobrir aspectos positivos que podem ser explorados no processo, como também aspectos negativos, isto é, necessidades primárias que podem ser aten-

Muitos possuem dificuldades com a ideia arraigada de que igreja é algo que possa existir fora de si mesmo. Entretanto, no conceito bíblico, a igreja é formada por pessoas que vivem os princípios do reino de Deus.

didas pela igreja a fim de que ela seja vista como relevante. (2) Mentoreamento: cada pessoa receberá os resultados das avaliações feitas e será mentoreada periodicamente, para que cresça nos pontos em que se destaca, e também tenha a compreensão das dificuldades que possui. Assim, cada um pode se unir a outros líderes que tenham habilidades que suprem sua carência. (3) Treinamento: encontros semanais acontecerão com todo o grupo-base de plantio, a fim de que sejam discutidos assuntos como missão, discipulado, estratégias, dons espirituais, atividades intencionais, liderança e espiritualidade. (4) Envio: os membros serão enviados da igreja-mãe para que desempenhem seu ministério, executando o planejamento que estabeleceram para o plantio da

nova igreja. A igreja-mãe não apenas envia como também apoia financeiramente.

Qual é o segredo para fazer com que as igrejas plantadas mantenham em seu DNA o desejo de se multiplicar em novas igrejas?

Todos nós nascemos com o DNA formado. Assim também a nova igreja precisa nascer sabendo que ela também irá se multiplicar. O avanço do reino de Deus não termina ao alcançar um território novo. Ele precisa ser expandido para novos lugares até os confins da Terra (At 1:8). Esse lugar pode ser um bairro vizinho, um vilarejo ou até outro município.

Outro segredo é sempre manter diante do núcleo-base essa ideia, nos encontros semanais, em sermões, e até em nível particular, lembrando a cada um qual é sua missão.

Que mensagem você gostaria de deixar aos pastores que não se sentem capacitados para o trabalho de plantação de igrejas?

Deus é quem chama e capacita aos que Ele escolheu. Ore a Deus, busque-O e procure descobrir e desenvolver os dons que Ele concedeu a você. O medo pode atrapalhar, mas entregue esse desafio Àquele que diz: "não temas, porque Eu sou contigo; não te assombres, porque Eu sou o teu Deus; Eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a Minha destra fiel" (Is 41:10). Se você se sente incapaz, lembre-se também de que "Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios; e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se glorie na presença de Deus" (1Co 1:27-29). Portanto que toda a glória seja dada a Deus por aquilo que Ele certamente nos dará. Somente a Ele seja a glória pelo que foi relatado aqui! **IM**

De olho nas **ciudades**

Transforme comunidades urbanas por meio do plantio de igrejas

Gerson P. Santos

Na antiguidade, a maioria das pessoas tinha um estilo de vida rural, dependia da agricultura e precisava caçar para sobreviver. Por volta de 1800, somente 3% da população mundial vivia nas cidades. Atualmente, a maior parte vive nos centros urbanos, que continuam aumentando rapidamente. De acordo com a ONU, o mundo está passando pela maior onda de crescimento urbano da história.¹

Essa mudança radical nos desafia a encontrar a melhor forma de pregar o evangelho e ministrar nessas áreas de grande densidade populacional. Há aproximadamente 100 anos, Ellen G. White escreveu: “O trabalho nas cidades é a obra essencial para este tempo. Quando as cidades forem trabalhadas como Deus deseja, o resultado será colocar em ação um poderoso movimento como nunca foi testemunhado.”² O rápido crescimento da população mundial, nos grandes centros urbanos, confirma o conceito de que a

missão urbana é hoje mais necessária do que foi há um século.

Fazer discípulos

A grande comissão estabelecida por Cristo enfatiza de maneira inequívoca a ordem para fazer discípulos. O principal objetivo da grande comissão não poderá ser alcançado se discípulos não forem formados.³ Jesus desafiou Seus discípulos, e esse comissionamento também alcança cada um de nós. Ao aceitarmos o Salvador, aceitamos participar da grande comissão.⁴

Ser um discípulo é ser um seguidor de Cristo e, para segui-Lo, é necessário entender quem Ele é, conceitualmente e pessoalmente. O processo de discipulado é uma experiência individual. Ninguém se torna discípulo somente lendo um livro ou participando de um seminário sobre o assunto. Não funciona assim. O conhecimento de Deus vem por meio do relacionamento com uma pessoa, e essa pessoa é Jesus.

Ao aceitarmos o convite de Cristo, iniciamos uma jornada que, finalmente, nos levará ao Céu. “E a vida eterna é essa que Te conheçam a Ti, como único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17:3).

O primeiro passo desse processo é passar tempo com o Mestre, sendo transformado pela contemplação. Somente depois dessa experiência pessoal, estaremos capacitados a testemunhar por Ele. Ao seguir esse caminho de crescimento para nos tornarmos discípulos, somos habilitados a capacitar outros. Jesus “escolheu doze, designando-os apóstolos, para que estivessem com Ele, e os enviasse a pregar” (Mc 3:14).

O evangelismo da amizade não é uma estratégia, é um modo de vida. A amizade está fundamentada em três ações: falar, ouvir e fazer coisas juntos. Para ser amigo de alguém, requer-se um mínimo de tempo. Além disso, exige-se energia emocional, e isso pode ser exaustivo. Felizmente, nem todos os que aparecem na lista de “amigos”



de nossa rede social são amigos chegados. Seria impossível manter milhares de relacionamentos ao nível pessoal. Você já observou que, quanto mais contatos uma pessoa tem, mais superficial são seus relacionamentos? Tentar manter vínculo com o máximo possível de pessoas certamente provocará rupturas nas relações com aqueles que estão mais perto de nós.

Cristo usou a expressão “Siga-Me”, que atualmente é símbolo da maioria das redes sociais. Discipulado é um processo que está relacionado com o conceito de “seguir”. Na Bíblia, encontramos Jesus usando o “Segue-Me” para várias pessoas as quais chamou. Seu convite envolve um relacionamento pessoal, ainda que a tecnologia ofereça ferramentas e crie oportunidades para se envolver em testemunhar e alcançar pessoas dentro do nosso contexto local ou da comunidade global.

É perceptível como as pessoas que vivem nos grandes centros urbanos têm necessidade de amizades genuínas. Elas estão carentes de relacionamentos com pessoas reais, que se importam o suficiente para ser honestas e leais. Um exemplo dessa realidade é o ministério *A Gente Cuida*, que está ligado a uma igreja há pouco plantada na Vila Madalena, em São Paulo. Essa congregação surgiu da necessidade de desenvolver uma coordenação mais expressiva das várias atividades que estavam sendo realizadas na comunidade. Uma dessas atividades é o “Desabafa”.

Toda sexta-feira à noite, um grupo de jovens do *A Gente Cuida* se encontra na Avenida Paulista, centro financeiro da capital, e oferece um momento para aqueles que desejam “desabafar”. Eles disponibilizam um banquinho para os transeuntes sentarem e começam uma conversa descontraída para os que desejam descansar e dialogar um pouco. Certa noite, um jovem que havia perdido o pai e estava desapontado com Deus e com religião, parou e desabafou por muito tempo com um dos integrantes do grupo. Quando chegou em casa, naquela noite, ele orou: “Deus, se o Senhor existe, eu ouvi Sua voz hoje por meio daqueles jovens na rua.” Atualmente, ele participa e ajuda em um dos pequenos grupos do projeto *A Gente Cuida*.

As pessoas, em geral, são constantemente distraídas por ruídos à sua volta. Correndo de um lado para outro, os relacionamentos têm a tendência de se tornarem extremamente superficiais. Jesus está à procura de discípulos comprometidos que estejam dispostos a construir relações verdadeiras com aqueles que estão ansiosos por essa experiência autêntica. Enquanto a sociedade se torna cada vez mais tecnológica, aumenta a necessidade de relacionamentos genuínos.

A missão da igreja

A grande comissão é a nossa missão (Mt 28). Nosso chamado é para fazer discípulos. O alvo de cada discípulo é formar novos

discípulos. O processo de discipulado e desenvolvimento espiritual é aperfeiçoado por intermédio do relacionamento pessoal. Ele é mais eficiente quando ocorre em grupos, pequenos grupos, que podem promover diversidade, reconhecendo diferenças pessoais.

Três ou quatro pequenos grupos que estejam conectados com os mesmos valores de crescimento espiritual e concentrados em servir a comunidade podem se unir para formar uma nova congregação. Uma igreja nova é mais eficiente para fazer novos discípulos, recebê-los e assimilá-los também. Isso nos mostra que plantar novas igrejas é um método evangélico eficiente. Além disso, mantém os recém-batizados e evita a apostasia.

A Bíblia usa a palavra *igreja* pelo menos de duas formas. Quando usada no sentido geral, refere-se ao povo redimido de Deus em todos os lugares e tempos (Mt 16:18; 1Co 12:28; Ef 1:22, 23; 3:10). Num sentido particular, igreja se refere a uma assembleia ou congregação local (1Co 1:2; 1Ts 1:1).⁵

Geralmente, ouvimos a pergunta: “Onde fica sua igreja?” Embora igreja, como povo de Deus, não seja um edifício, as Escrituras usam várias metáforas para descrevê-la: corpo, edifício, templo, entre outras. Assim é muito comum as pessoas descreverem “o edifício da igreja” como sendo a igreja. Outras vezes, referimo-nos à igreja como sinônimo de serviço religioso: “Que hora é sua igreja?”, tomando o serviço religioso como igreja.

Talvez fosse melhor utilizar uma nova expressão como povo de Deus ou comunidade de crentes para descrever as pessoas, e não confundir com o serviço religioso ou edifício em que elas se reúnem. Principalmente porque a igreja apostólica não se encontrava em edifícios grandes, e sim nas casas dos recém-convertidos. Sendo assim, conforme o modelo bíblico, um prédio pode ajudar numa variedade de atividades oferecidas pela igreja, mas tê-lo não é requerimento para existência de uma.

De modo geral, todas as organizações religiosas procuram promover o bem e a



Lukestuber / Fotolia

justiça; entretanto, a igreja não tem um fim em si mesma e sua missão é cumprir o propósito divino de continuar a obra que Jesus Cristo iniciou, “buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10). Assim, a igreja “foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo”.⁶ Portanto, podemos afirmar que a igreja não tem uma missão, a missão tem uma igreja. Ela não é um aquário de santos, mas um hospital de pecadores. Às vezes, até a equipe do hospital fica doente! Embora o hospital não dispense ninguém por estar doente, pode dispensar aquele que não está disposto a ser tratado.

O que compõe a igreja

A palavra igreja, do grego, *ekklesia*, em seu sentido original, referia-se simplesmente a um ajuntamento de pessoas; literalmente, chamados para fora. Jesus deu um significado espiritual a esse termo para descrever Seu povo. É interessante ressaltar que o modelo bíblico de igreja era muito simples; porém, o modelo de discipulado requeria alto comprometimento. Atualmente, temos um modelo complexo de igreja, que requer elevado custo de investimento e praticamente não se espera nada do membro (nem falamos em discípulo). A maior expectativa é de que o membro não faça nada de errado, e seja alguém exemplar.

Nossa primeira conclusão quando pensamos em igreja, de acordo com o modelo bíblico, é de que o termo se refere a pessoas, não a lugares nem edifícios. O Novo Testamento também não proíbe que a igreja se reúna em outro lugar que não seja uma casa. Mais importante do que o local do encontro, é o fato de que a igreja deve estar concentrada na missão. “Para ser considerada cristã, a igreja deve continuamente examinar-se para que não se torne uma instituição centralizada em si mesma, ou em seu edifício, ou mesmo em sua doutrina. A igreja de Cristo é centralizada Nele e concentrada nas pessoas.”⁷ É um grupo de cristãos chamados para aprender a amar a

Deus e uns aos outros, revelar esse amor ao mundo, de onde foram chamados, e convidar outros para que se unam ao povo do Senhor. A igreja deve ser um oásis, um lugar de cura para as dores da vida.

O apóstolo Paulo escolheu iniciar novas congregações em cidades estratégicas. Em sua segunda viagem missionária, ele estabeleceu uma igreja em Tessalônica, e ela se tornou um modelo para outras (1Ts 1:7-8). Peter Wagner declarou que plantar igrejas é o mais eficiente método evangelístico. Ellen G. White também afirmou: “Igrejas devem ser plantadas. [...] Não deveria haver pedidos para que pastores fixos fossem colocados em nossas igrejas [...] a igreja deve ser educada e capacitada para fazer um trabalho eficiente. Seus membros devem ser obreiros cristãos, devotados ao Senhor”.⁸

Para que isso se torne realidade, igrejas grandes ou centrais de distritos devem se tornar centros evangelísticos e de treinamento de obreiros, facilitando o processo de multiplicação de novas congregações. Os pastores devem ser treinadores e capacitadores, enquanto os anciãos devem fazer a obra pastoral local, cuidando do rebanho. Esse parece ser o modelo de igreja do Novo Testamento e também o sistema pelo qual o movimento adventista experimentou rápido crescimento em seu início. Como ouvi recentemente, “a igreja apostólica cresceu rapidamente porque não tinha membros, somente discípulos.”

Assim, como todos são chamados para ser discípulos, todo discípulo pode se tornar um plantador de igrejas. Nossas diferenças de estilo, personalidade e dons espirituais afetarão o tipo de igreja que iremos plantar e nossa função dentro dessa nova congregação. Tal igreja será um ambiente propício para a formação de novos discípulos e sua assimilação no corpo de Cristo.

Recentemente, visitei o pastor Tim Madding. Ele está desenvolvendo um projeto inovador dentro de nosso modelo

eclesiástico, estabelecendo uma nova congregação em Silver Spring, Estados Unidos. Segundo Madding, esse projeto recém-iniciado não é uma nova igreja no sentido de criar toda a estrutura de liderança, departamentos e diferentes comissões. Eles estão utilizando um modelo *multisite* de plantio de igreja, o que favorece a maximização de recursos locais nos serviços oferecidos à comunidade. Tem o objetivo de alcançar pessoas que estejam desconectadas da igreja ou procurando uma oportunidade para ser mais ativas, fazendo a diferença na comunidade.

Jesus declarou a Seus discípulos: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Peçam, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para a Sua colheita” (Mt 9:37-38). Sem dúvida, a seara é muito grande, e “a essência da chuva serôdia não pode vir até que a maior parte da igreja esteja [...] trabalhando com Deus”.⁹ Não fomos chamados neste tempo para fazer um trabalho mais eficiente; fomos chamados para concluir a missão. **M**

Referências

- ¹ United Nations Population Fund, “Urbanization”, <unfpa.org>, outubro de 2016.
- ² Ellen G. White, *Ministério para as Cidades* (Tatuí, SP: CPB, 2012), p. 9.
- ³ C. Peter Wagner, *Strategies for Church Growth*, (Ventura, CA: Regal Books, 1987), p. 50.
- ⁴ Ellen G. White, *Letter 262*, 1903, <egw writings.org>.
- ⁵ The Ministerial Association, *Elder's Handbook* (Silver Spring, MD: General Conference of Seventh-day Adventists, 1994), p. 13.
- ⁶ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, <egw writings.org>, p. 9.
- ⁷ The Ministerial Association, p. 15.
- ⁸ Ellen G. White, *Important Testimony*, 1903, PH038, <egw writings.org>.
- ⁹ Ellen G. White, *Review and Herald*, 21/07/1896, <egw writings.org>.



Gerson P. Santos é doutor em Ministério (Andrews University) e atua como secretário associado da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

Comunidades multiplicadoras

Seis passos para plantar igrejas que se reproduzem

Peter Roennfeldt

No fim de meu primeiro ano de ministério, o presidente da Associação em que eu servia olhou para o vasto território que me fora designado e sugeriu que eu “plantasse uma nova igreja em uma das cidades não alcançadas”. Com o envolvimento dos membros de minhas duas igrejas, plantei outra. Quarenta anos depois, tendo plantado mais de 20 igrejas e capacitado centenas de equipes de plantação em todo o mundo, aprendi a seguir um processo de seis etapas para estabelecer congregações que se multiplicam. Esse método baseia-se na grande comissão (Mt 28), nas parábolas do reino (Mc 4), no modelo para equipar discípulos (Lc 10), na orientação para o recebimento do Espírito Santo (At 1) e na humildade e sacrifício de Cristo como modelo pessoal e para a igreja (Fp 2).

Quando Jesus ordenou aos doze que fizessem discípulos de todas as nações (Mt 28:18-20), Ele não falava apenas das nações como as definimos atualmente, mas também dos múltiplos fluxos relacionais encontrados em cada sociedade. Em nossos dias, existem diversos laços de relacionamento, incluindo o trabalho e as redes sociais. Enquanto a parábola do sementeiro afirma que o *solo bom* produz uma colheita abundante (Mc 4:8), a parábola da *semente que germina* sugere um processo de crescimento (v. 26-29).

O campo vazio é semeado; o campo semeado brota; a lavoura cresce “por si

mesma”, até que se torne pronta para a colheita. No tempo da ceifa, os agricultores do Oriente Médio recolhiam a messe para alimentação e negócios, mas mantinham as melhores sementes para semeadura na safra seguinte. Em conexão com os princípios enunciados em Lucas 10:1 a 24, os campos sugerem um processo de seis passos para plantio de novas igrejas que se multiplicam.¹

Processo de seis passos para plantar igrejas que se multiplicam



Oração

O primeiro passo inclui aprender a orar regularmente, porque a oração abre nossa percepção para as intenções e atividades de Deus na lavoura. Ao procurar o derramamento do Espírito Santo, empenhados em oração e ouvindo a comunidade (nas ruas, nos centros comerciais e nos lares), tomamos consciência da colheita potencial e da necessidade de mais trabalhadores. A leitura conjunta do livro de Atos inspirará a equipe a trabalhar por amigos não cristãos.

Conexão

O segundo passo envolve alguma preparação. Como você descreveria o *campo vazio* para o qual Deus o chamou a trabalhar? Quem são as pessoas que você deseja alcançar? Dados de censo, pesquisa, visitação ou entrevistas identificarão necessidades da comunidade e pessoas-chave receptivas ao Espírito Santo. Jesus as descreveu como *filhos da paz* (Lc 10:5-7), pessoas hospitaleiras, receptivas e com reputação e influência.

Ele disse para nos conectarmos a essas pessoas. “Quando entrardes numa cidade e ali vos receberem, comei do que vos for oferecido. Curai os enfermos que nela houver e anunciai-lhes: ‘A vós outros está próximo o reino de Deus!’” (Lc 10:8, 9). Cristo se conectou às pessoas relacionando-se com os desejos e necessidades delas. Atualmente isso pode envolver jantares comunitários, refeições com marginalizados,

O processo de seis passos começa com a entrada em um *campo vazio*, talvez uma nova comunidade, um novo bairro, uma cidade não alcançada, membros descrentes da família ou amigos desligados da igreja. No contexto adventista, antes de iniciar o trabalho, o sábio plantador conversa com o presidente da Associação local, delineando planos e buscando aconselhamento.

abrigos para meninas ou mulheres em situação de risco, atividades para crianças, feiras de saúde, exercícios físicos, grupos de caminhada, programas de reabilitação de drogas ou álcool ou seminários bíblicos.

Não se pode subestimar a influência de uma refeição conjunta. Compartilhar o alimento ajuda a desenvolver confiança, explora culturas variadas, cria novos relacionamentos e proporciona novas experiências. Em torno da mesa as mágoas mais profundas são reveladas, dando oportunidade para a cura por meio da escuta, do toque e da oração, usando a linguagem não religiosa, cotidiana. Nesse contexto, você é capaz de se comunicar com os outros, levando em conta sua cosmovisão cristã. Jesus disse: “Curem os doentes [...] e digam: ‘O Reino de Deus chegou até vocês’” (Lc 10:9, NTLH). Nos dias de Cristo, isso era um chamado ao arrependimento.

A escolha da semente e como a semeadura ocorre é fundamental no processo de plantação de igrejas. Dos quatro versículos da parábola da *semente que germina*, dois lidam com a forma como ela cresce: “Noite e dia, estando ele [semeador] dormindo ou acordado, a semente germina e cresce, embora ele não saiba como. A terra por si própria produz o grão: primeiro o talo, depois a espiga e, então, o grão cheio na espiga” (Mc 4:27, 28, NVI).

Como a semente pode ser semeada sem interferir no crescimento espiritual daqueles com quem compartilhamos o evangelho? Como podemos agir para que as pessoas não se tornem dependentes de nós? Os passos que a equipe de plantação de igrejas tomará nesse momento afetarão o tipo de colheita, bem como se a nova igreja se multiplicará ou se tornará um fardo, exigindo recursos da denominação. As próximas três fases no plantio se relacionam com o processo de *semeadura*, *cultivo* e *colheita*.

Semeadura

Se agirmos como especialistas, os alunos poderão se tornar dependentes. Alguns entendem que são necessários anos

de instrução antes que possam compartilhar sua fé. No entanto, se eles experimentarem como estudar a Palavra de Deus por si mesmos sob a instrução do Espírito Santo, eles estarão capacitados a compartilhar o evangelho em seus relacionamentos, mesmo antes de se comprometerem plenamente como seguidores de Cristo.

Construir relacionamentos com *filhos da paz* a ponto de poder convidá-los a ler um dos Evangelhos pode não demorar muito. De fato, a experiência mostra que é melhor semear no início da relação. Comece fazendo o seguinte: Se os *filhos da paz* sabem quem é Jesus Cristo e estão prontos para explorar as crenças básicas da fé cristã, ler o Evangelho de João e usar perguntas de discussão é um excelente ponto de partida. No entanto, atualmente, muitas pessoas desconhecem a vida de Jesus. Nesses casos, descubriu-se que o Evangelho de Marcos abre o caminho para que elas aprendam de Cristo e compartilhem Sua história em seus relacionamentos. Além disso, você ainda pode fazer o seguinte:

1. Mostre onde elas podem adquirir uma Bíblia.
2. Revele o valor da leitura junto aos amigos ou à família.
3. Leia uma história ou capítulo de cada vez.
4. Use perguntas simples para discussão.

Esse estudo em grupo deve levar às questões: O que é novo para nós? O que não gostamos? O que não entendemos? O que vamos aplicar em nossa vida? Com quem vamos compartilhar nossas descobertas e o que compartilharemos?

Diga que você estará em contato para saber o que os interessados estão descobrindo e apresentar outras histórias sobre Jesus. Você deve reconhecer a importância de não se impor ou tentar controlá-los. A semente é a história de Cristo, e você está seguindo um processo pelo qual o Espírito Santo pode cultivar o crescimento “por si mesmo”, quer você esteja acordado ou dormindo.

Cultivo

A menos que você esteja em um país ou lugar em que adquirir uma Bíblia seja extremamente difícil, dê às pessoas a liberdade e a responsabilidade de fazer isso por elas mesmas. Lembre-se, os *filhos da paz* geralmente tomam a iniciativa e podem ser a chave para alcançar e plantar uma igreja dentro de seus fluxos relacionais. Oriente e incentive essas pessoas-chave, mesmo antes de elas chegarem a Jesus. Ligue, visite e invista tempo em refeições e desenvolvimento de amizade. Saiba como elas estão crescendo na leitura da Bíblia, descoberta espiritual e aplicação pessoal, mas não assuma a postura de especialista, tornando-as dependentes de você.

Aqui está uma abordagem eficaz. Quando você fizer uma visita, pergunte-lhes como vai a leitura do Evangelho de Marcos. O que elas descobriram? O que aplicaram à vida ou compartilharam com outras pessoas? Como seus amigos estão reagindo à sua jornada de descoberta espiritual? Lance mais sementes lendo outra história de Jesus. Explique o conceito bíblico de que há “princípios elementares da doutrina de Cristo” (Hb 6:1-3) – arrependimento, fé, batismo, “imposição de mãos”, ressurreição e julgamento – e que você gostaria de ler relatos que exploram esses temas. Por exemplo, em sua primeira visita, você poderia ler a história de Zaqueu (Lc 19:1-10) ou da mulher samaritana (Jo 4:1-42) para falar sobre o arrependimento, o primeiro ensino elementar.

Use uma abordagem relacional ao invés de um estudo acadêmico. Convide alguém para ler o relato ou o capítulo. Em seguida, peça que outra pessoa leia novamente toda a história, talvez a partir de outra tradução, se estiver disponível. Um participante pode recontar a narrativa em suas palavras e compartilhar o que descobriu. Finalmente, faça a pergunta: O que isso lhe diz sobre o arrependimento (ou o ensino elementar que está sendo explorado na visita)? Você quase não precisa comentar

nada, e a visita pode terminar com uma oração simples em linguagem cotidiana.

Semana após semana, o grupo lerá o Evangelho e você o visitará para explorar relatos da vida de Jesus, conforme eles se relacionam com os ensinamentos bíblicos elementares. À medida que eles amadurecem na fé, você pode sugerir capítulos sobre a oração (Lc 11:1-13), o Espírito Santo (Jo 14:1-23), a segunda vinda de Cristo (Mt 24), ou Seu relacionamento com o sábado (Jo 5, 9, 10). Certifique-se de perguntar sobre a relação deles com Jesus. Discuta regularmente como os ensinamentos de Cristo estão afetando sua vida e a de seus amigos. Pode não levar muito tempo para o Espírito Santo convencê-los a seguir Jesus. Geralmente, nesse estágio da jornada, as pessoas pedem o batismo.

Quando estiverem prontas para explorar as doutrinas bíblicas do adventismo, sugira-lhes que leiam o Evangelho de João, uma vez que abrange todos os fundamentos doutrinários. Reuniões em pequenos grupos ou seminários evangélicos ajudarão os novos crentes com respostas a perguntas específicas, esclarecendo preocupações e aliviando medos. Cuidando para que eles não se tornem dependentes, tais programas de ensino têm ajudado a reunir novos crentes em novas igrejas.

Reunião

À medida que os discípulos crescem, eles procuram se reunir. Esse é o significado prático da palavra igreja – reunião de discípulos. Envolver todos (equipe de plantadores, *filhos da paz* e amigos sem igreja) para discutir como esse encontro pode ser. Explore o que Jesus disse sobre dar “as chaves do reino” à Sua igreja (Mt 16:15-19). Reflita sobre a comunidade de Jerusalém (At 2:42-47; 4:32-37), os primórdios da igreja de Antioquia (At 11:19-26) e a instrução de Paulo sobre o culto participativo em Corinto (1Co 14:26).

Juntos, determinem o lugar da comida, da comunhão, da participação, do diálogo,

do encorajamento, da leitura e discussão da Palavra de Deus, da oração, do louvor, do cuidado, do testemunho e do crescimento. Esses são elementos-chave para uma comunidade que se multiplica. O lugar em que as pessoas se reúnem também impactará significativamente quem estará envolvido e a capacidade de multiplicação do grupo. Discutam as vantagens e desvantagens de continuar se reunindo em uma das casas onde o grupo tem se encontrado. E sobre outras casas? Existem outras instalações comunitárias convenientes que poderiam ser usadas para reuniões de grupo com pouco ou nenhum custo? Um restaurante poderia ser usado para encontros de oração e planejamento?

Determinar em conjunto as estruturas funcionais proporciona mais oportunidades para capacitar. Como as responsabilidades serão compartilhadas? Quem será o responsável pela tesouraria da igreja? Será que a *liderança conversacional* será adequada nessa nova fase?

Naturalmente, nenhuma jornada de plantio de igreja ocorre isoladamente. Oficiais da Associação, o pastor ou líderes-chave da *igreja-mãe* devem aproveitar as oportunidades para estar com o núcleo da nova igreja, conectando-se com os *filhos da paz* e outros interessados. Como líderes cristãos, devem estimular o crescimento espiritual e encorajar o movimento crescente de novas comunidades de fé. O núcleo da nova igreja também convidará seus amigos para eventos organizados pela Associação ou União local. Celebrações, campanhas, reuniões com plantadores de igreja ou capacitações proporcionam ambientes particularmente dinâmicos para conectar-se com a irmandade de igrejas adventistas.

Multiplicação

A colheita deve levar ao plantio novamente. Esse não é um processo aleatório. Igrejas saudáveis se multiplicam

intencionalmente. Elas identificam e promovem processos simples, orgânicos e reproduzíveis. Os novos crentes estão conectados a novos relacionamentos, nos quais o evangelho pode ser semeado.

Novas igrejas são tentadas a querer crescer, a fim de tornar-se como *outras igrejas*. No entanto, crescimento quantitativo não é sinônimo exato de saúde. Quando a tentação surge, é tempo de reler o livro de Atos. A história da igreja de Antioquia e de sua disposição multiplicadora revela o desejo de Deus para todas as igrejas (At 13:1-4). Nesse contexto, discuta como Paulo plantou duas congregações em Filipos dentro de algumas semanas (At 16:6-34) e várias igrejas em Corinto (At 18:1-18; Rm 16:1). Considere como o apóstolo multiplicou líderes e comunidades de fé em toda a província romana da Ásia a partir da igreja de Éfeso (At 19:1-22) e aplique esses princípios.

Retrato de Deus

A igreja é o *corpo* de Cristo. O plantio de igreja deve refletir Seu coração e Sua atitude. Jesus, “subsistindo em forma de Deus”, escolheu um caminho de humilhação e morte, porque considerava os interesses dos outros acima dos Seus, a fim de que Deus fosse exaltado. Aqueles que estão em Cristo e em comunhão no Espírito compartilharão dessa mesma atitude (ver Fp 2:1-11). A encarnação fornece o modelo de como as novas igrejas devem se relacionar, servir, organizar, estruturar, adorar, comungar e multiplicar! **M**

Referência

¹ Nathan e Kari Shank, *Reproducing Churches Using Simple Tools*, 2007.



Peter Roennfeldt é pastor jubilado e se mantém ativo na plantação de igrejas. Vive na Austrália

Servolução extrema

David Jamieson

A população mundial está testemunhando uma revolução global. Em 14 de janeiro de 2011, um levante na Tunísia levou o presidente Ben Ali a fugir do país depois de um governo de 23 anos. Essa centelha acendeu uma chama em todo o Oriente Médio e Norte da África, que entrou para a história como a Primavera Árabe.

Na sequência, grandes manifestações derrubaram regimes de longa duração no Egito e na Líbia. Protestos surgiram também em outras partes do Oriente Médio contra a injustiça, o autoritarismo e o aumento do preço de alimentos e combustíveis. Ações semelhantes ocorreram em outras partes do mundo, como Bolívia e Chile.

Nos Estados Unidos, o movimento *Occupy* pediu que manifestantes acampassem nas principais cidades do país para requerer grandes mudanças políticas e econômicas. Essas manifestações globais levaram as pessoas a se perguntarem: O que há de errado? Pela primeira vez na história, existe um desejo sem precedentes por profundas transformações na condição do mundo. Por quê? Bem, de acordo com o movimento *World Revolution*:

- Metade da população mundial vive com menos de dois dólares por dia.
- 800 milhões de pessoas sofrem de desnutrição.
- Cerca de 200 milhões de crianças são desnutridas.

- 24 mil pessoas morrem diariamente de fome. Em um ano, são 8,7 milhões de pessoas.
- Mais de um bilhão de pessoas não tem acesso à água potável.
- 33% da população mundial vive em países de regime autoritário ou não democrático.
- Um terço da força de trabalho do mundo é atualmente desempregada ou subempregada.
- Metade das florestas que originalmente cobriam 46% da superfície terrestre foi destruída.
- 27 milhões de pessoas em todo o mundo são escravizadas.
- Entre 10 e 20% de todas as espécies entrarão em extinção nos próximos 20 a 50 anos.
- 60% dos recifes de coral do mundo, que contêm até um quarto de todas as espécies marinhas, podem ser perdidos nos próximos 20 a 40 anos.
- Em 1998, o patrimônio das 200 pessoas mais ricas do mundo foi maior do que a renda anual total de 42% da população mundial. As famílias Gates, Walton e do sultão de Brunei têm uma riqueza acumulada de US\$ 135 bilhões. Isso equivale ao rendimento anual de 600 milhões de pessoas que vivem nos países mais pobres do planeta.¹

Essas estatísticas são assombrosas para você como são para mim? Somos parte de uma comunidade global que está em crise.



William de Moraes



**O impacto da mensagem
cristã em um mundo
perturbado**

As pessoas estão sofrendo de maneiras impensáveis e indescritíveis. É hora de um grande despertar mundial.

O que o mundo precisa atualmente não é de uma revolução cheia de raiva, violência e revolta com o objetivo de derrubar um governo, mas a experiência de uma revolução repleta de compaixão, amor e serviço. De fato, o mundo precisa de uma grande *servolução*.

O que é *servolução*?

Trata-se da combinação das palavras revolução e serviço que, quando postas em prática, trazem resultados positivos para a igreja, o mundo e o reino de Deus. De acordo com Dino Rizzo, *servolução* é “(1) A mudança completa e radical da vida de uma pessoa causada por simples atos de bondade, para a glória de Deus. (2) O reino de Deus na Terra como no Céu. (3) Uma revolução na igreja por meio do serviço.”²

A *servolução* não pode ser descrita como um programa ou evento. Trata-se, porém, de uma cultura do reino nascida na igreja de Deus. Uma cultura de sacrifício e serviço que pode mudar o mundo! *Servolução* não é apenas um chamado à ação. É um chamado à existência. É um retrato da igreja de Deus que, finalmente, levanta-se para cumprir a ordem de Jesus: “ame o seu próximo como a si mesmo” (Mc 12:31).³

Esse movimento cumpre as palavras de Jesus em Mateus 25:40: “‘Digo-lhes a verdade: O que vocês fizeram a algum dos Meus menores irmãos, a Mim o fizeram.’” Ele atende um importante conceito dos escritos de Ellen G. White: “Unicamente o método de Cristo trará verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’.”⁴ “Se nos humilhássemos perante Deus, e fôssemos bondosos e corteses, compassivos e piedosos, haveria uma centena de conversões à verdade onde agora há apenas uma.”⁵

Em síntese, o objetivo da *servolução* extrema é demonstrar o amor de Jesus, não somente proclamá-lo. Dizer às pessoas a verdade sem amá-las, dificilmente as encorajará a aceitá-la. O fato é que as palavras são importantes, mas nossas ações são fundamentais. Observe os cinco elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma estratégia de *servolução*.

Servir é ser abnegado

Servolução pode ser definida como um dos maiores princípios do cristianismo. O fundamento da fé cristã é a graça imerecida e incondicional de Deus para cada ser humano que já viveu. Jesus disse: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como Eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros” (Jo 13:34). Como Ele nos amou? O versículo mais conhecido da Bíblia responde essa pergunta. “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o Seu Filho Unigênito, para que todo o que nEle crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16).

Contudo, observe que, quando Cristo disse essas palavras pela primeira vez, durante uma conversa noturna com Nicodemos, Ele o surpreendeu. Nicodemos esperava uma reação diferente, e ficou chocado com a resposta de Jesus. Em primeiro lugar, Cristo afirmou que Deus tem um Filho. Esse era um desafio para o monoteísmo radical que ocupava o centro da crença judaica. Em segundo lugar, Jesus declarou que a missão redentora de Deus não estava fundamentada em “Porque Deus amou a sinagoga”, mas em “Porque Deus amou o mundo”. Para fariseus como Nicodemos, o reino de Deus era visto como uma recompensa destinada ao povo escolhido, não como um presente ao mundo. Atualmente, esse pensamento etnocêntrico muitas vezes está contido em uma visão míope e distorcida do amor divino. Finalmente, Jesus disse: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o Seu Filho Unigênito”. O Senhor deu Seu Filho para resgatar o mundo todo, sem restrições.

De fato, Jesus nunca deixou uma cidade na mesma condição em que ela se encontrava antes de Ele chegar. É verdade também que Cristo nunca quis que as pessoas servidas por Ele se sentissem devedoras por algo que receberam. Efésios 5:1 e 2 diz: “Portanto, sejam imitadores de Deus, como filhos amados, e vivam em amor, como também Cristo nos amou e Se entregou por nós como oferta e sacrifício de aroma agradável a Deus.” Portanto, se estamos determinados a ser como Jesus, que abençoou e curou as pessoas voluntariamente, então temos de tratá-las da mesma forma. Em realidade, às vezes precisamos servir aos outros sem que eles saibam quem somos.

Não devemos servir as pessoas em nossas comunidades esperando que elas se tornem adventistas do sétimo dia. Como adventistas do sétimo dia, devemos servi-las sem restrições, porque isso é o que Jesus faria.

Servir é ser generoso

Jesus foi um revolucionário. Ou poderíamos dizer *servolucionário*? Mateus 20:28 diz: “como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos.”

Quando se paga o resgate por alguém, geralmente se trata de um preço muito alto. Note o acordo que Deus nos oferece: nós recebemos agora Cristo, perdão e uma vida agradável e, em troca, no futuro, Ele nos recebe em Seu reino. Obviamente, temos a melhor parte nesse contrato! Entretanto, Deus não vê dessa forma. Em Seu amor inacreditável, Ele deu Seu Filho unigênito para morrer numa cruz por nós. Esse é um ato de generosidade extravagante, certo?

Generosidade extravagante descreve exatamente o que temos recebido de Deus. Ele é o exemplo perfeito de extrema doação. Cada relato da vida de Jesus O descreve vivendo de uma forma intencionalmente generosa, disposto a doar Seus talentos, recursos, tempo, compaixão e, claro, serviço. Portanto, nosso cristianismo

também deve demonstrar a disposição de servir. Não queremos ser conhecidos pela nossa generosidade média. Queremos ser uma igreja que serve com *extrema* generosidade.

A igreja precisa servir o mundo com o mesmo tipo de amor incondicional que Deus nos deu. Precisamos nos arriscar a agir de modo absurdamente amoroso porque, quando vamos além do que os outros esperam de nós para expressar o amor divino, os resultados são multiplicados de maneiras incríveis para o reino de Deus.

Servir é expandir o reino

Isso nos leva a outro importante conceito ainda não totalmente compreendido por muitos cristãos. A questão não é sobre o crescimento da igreja, é sobre a expansão do reino de Deus. Servimos os outros em nossa comunidade para expandir o reino de Deus na Terra. Como? Bem, quer percebamos ou não, o Senhor nos deu uma atribuição em Seu reino.

Ao orar todos os dias, estamos envolvidos nesse processo. Observe as poderosas palavras ensinadas por Cristo na oração do Pai nosso: "Pai nosso, que estás nos Céus! Santificado seja o Teu nome. Venha o Teu reino; seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu" (Mt 6:9, 10).

Servir é importar-se com pessoas

Devemos orar e pedir a Deus que vivamos os valores do reino em nossa vida diária. Conforme seguimos nossa rotina, precisamos procurar oportunidades de fazer o que Jesus faria se estivesse entre nós fisicamente. Estamos orando o Pai Nosso todos os dias? Se estivermos concentrados em edificar o reino de Deus, Ele verá por meio dessa atitude o crescimento de Sua igreja.

O evangelho de Lucas registra a principal razão pela qual Jesus veio servir. "Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o

que estava perdido" (Lc 19:10). Cristo viveu na Terra em busca de oportunidades para encontrar pessoas perdidas e levá-las ao Pai celestial. Todos os dias Ele demonstrava, por meio de ações, Seu amor pelas pessoas. Jesus tinha a capacidade de estar em meio à multidão e, ainda assim, atender às necessidades de uma única pessoa que estivesse desesperada em busca de cura.

Deus vê as pessoas nas cidades, nas casas ou nas ruas e as valoriza como seres preciosos sem os quais não poderia viver. Para o Senhor, as pessoas importam mais do que qualquer outra coisa! Se elas são importantes para Ele, então devem ser importantes para nós também.

Servir é o caminho da bênção

Provavelmente, a imagem mais nítida de *serviço* que encontramos na Bíblia seja a atitude de Jesus em João 13. Nos dias de Cristo, as pessoas usavam sandálias ao viajar pelas estradas poeirentas da Palestina. O costume era lavar os pés dos hóspedes quando eles chegavam a seu destino. Entretanto, quem geralmente fazia isso eram os servos da casa, nunca o dono.

João descreve como Jesus levantou-Se da mesa, tirou o manto, cingiu-Se com uma toalha de servo e pregou um sermão em ação, servindo a Seus discípulos e lavando-lhes os pés sujos. Então, Ele disse: "Agora que vocês sabem estas coisas, felizes serão se as praticarem" (Jo 13:17). Servir aos outros implica bênçãos e felicidade, conforme as palavras de Cristo.

No entanto, essa não é a primeira vez que a Bíblia declara uma verdade tão poderosa. Gênesis descreve como Deus abençoou Abraão: "Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e por meio de você todos os povos da Terra serão

abençoados" (Gn 12:2, 3). Deus não nos abençoa só por nos abençoar. Ao contrário, Ele nos abençoa para que possamos servir de canais de bênçãos.

O papel da igreja é simplesmente esse: abençoar o mundo. Cada vez que fazemos isso, coisas surpreendentes acontecem. É possível imaginar quão diferente seria o mundo se cada um de nós, que afirma conhecer a Cristo, fizesse um ato de bondade a alguém todos os dias? Os resultados seriam surpreendentes, e o planeta seria um lugar melhor. Poderíamos superar todo o mal com o bem se assumíssemos o compromisso de servir aos outros como Jesus fez. De fato, o oposto também é verdade. A condição única necessária para que o mal triunfe no mundo é que os homens de bem não façam nada.

Resta-nos responder as seguintes perguntas: Perpetuaremos os problemas do mundo hoje? Seremos indiferentes a eles ou daremos desculpas? Estamos preparados para nos engajar em uma *serviço* extrema? O Senhor conta conosco! O mundo precisa que nós nos levantemos para ser a igreja de Deus na Terra. É hora de fazer a *serviço* começar! **M**

Referências

¹ "Overview of Global Issues", *World Revolution*, <worldrevolution.org>, outubro de 2016; "The State of the World: Human Rights", *World Revolution*, <worldrevolution.org>, outubro de 2016.

² Dino Rizzo, *Serviço: Starting a Church Revolution Through Serving* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009), p. 18.

³ Salvo indicação contrária, todas as passagens foram extraídas da Nova Versão Internacional.

⁴ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* <egwwritings.org>, p. 143.

⁵ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 9, <egwwritings.org>, p. 189.



Cartão do autor

David Jamieson é doutor em Ministério (Andrews University) e pastoreia a Igreja Adventista do Sétimo Dia de Aldergrove, Canadá

Ninguém sabe nem o dia nem a hora

Compreendendo o significado da
declaração de Jesus em Mateus 24:36

Ekkehardt Mueller

A declaração de Jesus em Mateus 25:36 afirmando que Ele não sabe o dia nem a hora de Sua segunda vinda tem intrigado os estudantes das Escrituras. Eruditos como R. T. France falam acerca do “notável paradoxo de que ‘o Filho’, que terá um papel central naquele ‘dia’, não sabe quando ele ocorrerá.”¹ Grant Osborne a classifica como uma “incrível declaração”.² Outros teólogos também têm procurado entender qual foi a intenção de Cristo nesse versículo.

Como compreender o que Jesus estava dizendo e por que Ele disse isso?

Análise do contexto

Esse intrigante versículo faz parte do conhecido Sermão Profético em que Jesus Se referiu à destruição de Jerusalém e Sua segunda vinda. Os versículos 29 a 31 enfatizam os sinais que precederão a *parousia*. Com a parábola da figueira e a exortação

subsequente (Mt 24:32, 33), Cristo retornou ao tema da destruição de Jerusalém e encorajou os discípulos a atentar para os sinais dos tempos, de maneira que se conscientizassem da proximidade desse grande evento. A geração que não passaria antes do acontecimento de todas essas coisas (Mt 24:34) foi a do primeiro século, que conheceu Jesus e vivenciou a queda de Jerusalém.³

O trecho inicial do versículo 36 retorna ao assunto da segunda vinda. A *parousia* (Mt 24:39) e a vinda (*erchomai*) do Senhor/Filho do Homem (Mt 24:42, 44) são claramente mencionadas. O versículo 36 é uma espécie de introdução para os versículos 37 a 51, e enfatiza que a data da segunda vinda não pode ser conhecida.⁴ Essa passagem trata do desconhecimento escatológico e da necessidade de estar pronto e preparado, pois o dia e a hora da *parousia* não foram revelados. A seguir temos um esboço da passagem:

Versículo 36

Afirmação: A ignorância dos seres humanos, dos anjos e de Jesus (dia e hora)

Versículos 37 a 39

Exemplo: Noé, o dilúvio, e a segunda vinda de Jesus (dias, dia)

Versículos 40 e 41

Exemplos: Homens no campo e mulheres trabalhando no moinho.

Versículo 42

Imperativo: Vigiem por causa da vinda do Senhor (dia)

Versículo 43

Exemplo: O pai de família e o ladrão

Versículo 44

Imperativo: Estejam preparados por causa da vinda do Filho do homem (hora)

Versículos 45 a 51

Exemplo: O servo fiel e o infiel (dia e hora, v. 50)



Sergiy/Fotolia

Por todo o texto, o tema “saber” está presente. De acordo com os versículos 32 e 33, os discípulos deveriam “saber” (*ginōskō*) a proximidade do evento predito. No entanto, no contexto da nossa passagem (Mt 24:36-51), a ênfase está em “não saber”.⁵ Os versículos 36 a 51 claramente indicam que, apesar de os sinais apontarem a proximidade da segunda vinda de Jesus, o evento não pode ser calculado. Se nem mesmo os anjos nem o próprio Cristo podiam definir a data, como poderiam os discípulos? Em vez de se preocuparem com a data exata da *parousia*, eles deveriam estar sempre preparados. Portanto, a ênfase não está na natureza de Jesus, mas na preparação da humanidade para o maior evento da história terrestre.

Mateus 25 continua a exortação de Jesus apresentando as parábolas das dez virgens, dos talentos e das ovelhas e dos bodes.⁶ Nelas, Cristo também indicou que haveria uma “tardança”,⁷ um intervalo entre Sua primeira e segunda vindas. Além disso, as duas últimas parábolas alertam

para o fato de que esperar passivamente não é suficiente. Aqueles que realmente estão aguardando, devem estar ativamente envolvidos⁸ em algum trabalho para o Mestre, servindo aos demais.

Análise do texto

“Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem o Filho, senão somente o Pai” (Mt 24:36, NVI). Os manuscritos gregos contêm diferentes versões de Mateus 24:36. A diferença que mais se destaca é a omissão da expressão “nem o Filho” no Texto Majoritário e em alguns outros manuscritos e versões. No entanto, ela pode ser constatada em documentos mais antigos. Provavelmente, em alguns manuscritos, a expressão “nem o Filho” tenha sido omitida devido a questões teológicas, por exemplo, o conceito de Trindade.⁹ Contudo, independentemente da interpretação preferida, em ambos os casos, “somente o Pai” sabe a data da segunda vinda de Jesus. Se a expressão “nem o Filho” estava ou não incluída, não faz diferença, pois isso fica automaticamente implícito.

Pela análise do contexto, “o dia e a hora” se referem inquestionavelmente à segunda vinda de Jesus.¹⁰ De acordo com o versículo 36, essa data permanece desconhecida. Dia e hora “fixam um tempo [...]: juntos, dia e hora identificam o momento”.¹¹ Os termos *dia* e *hora* se repetem nos versículos seguintes. Eles também aparecem em “nos dias” de Noé (v. 37, 38), “o dia” em que Noé entrou na arca (v. 38), “o dia” da vinda do Senhor (v. 42) e “a hora” da vinda do Filho do Homem (v. 44). Claramente, os termos usados são quase sinônimos, e são vinculados ao versículo 50 para descrever a segunda vinda de Cristo.¹² Embora não mencione dia nem hora, o versículo 48 inclui o problema da tardança. Assim, são enfatizadas a preparação dos discípulos e a importância da *parousia*, rejeitando qualquer tentativa de calcular o evento.

Há três grupos que não sabem a data: (1) a humanidade, (2) os anjos e (3) o Filho.¹³ Somente Deus, o Pai, sabe o tempo da

parousia. Embora a maioria dos intérpretes modernos tomem o texto literalmente, na tentativa de provar as limitações de Jesus,¹⁴ alguns teólogos antigos apresentaram diversas interpretações sobre o fato de Cristo desconhecer o assunto: “Orígenes questionou se Jesus não estava Se referindo à igreja, de quem Ele é o cabeça. Philoxenus afirmou que Jesus Se tornou um com o Pai em sabedoria e autoridade somente após Sua ascensão. Ambrósio atribuiu a expressão ‘nem o Filho’ a uma interpolação ariana. Atanásio sugeriu que Jesus apenas tivesse simulado desconhecer. Os Capadóciolos acreditavam que Jesus não sabia a data por Si Mesmo, mas apenas por meio do Pai. [...] Crisóstomo simplesmente negou que Jesus fosse ignorante a respeito de qualquer coisa.”¹⁵ Outros sugerem que Cristo, ao usar o termo “Filho”, não estivesse Se referindo a Si mesmo.¹⁶

No entanto, o texto é muito claro ao mostrar Jesus admitindo que possuía conhecimento limitado da situação, o que também indica submissão ao Pai.¹⁷ A sequência dos três grupos mencionados, que não sabem a data, pode indicar uma progressão. Jesus é o que está mais próximo do Pai,¹⁸ ainda que, ao pronunciar essas palavras, Ele não soubesse a data exata de Sua segunda vinda.

Considerações teológicas

Seria possível que o conhecimento limitado de Jesus se contrapusesse à Sua divindade e Sua posição na Trindade? Não cremos ser esse o caso.

Mateus e o conhecimento de Jesus. Embora Jesus não soubesse o momento exato de Sua vinda, conhecia muitos outros detalhes.¹⁹ Mateus 24 e 25 revelam que, por volta de 31 d.C., Cristo sabia sobre a destruição de Jerusalém e a respeito de Sua segunda vinda. Ele sabia que haveria um certo período de tempo entre a queda de Jerusalém e a consumação final, e entre a primeira e a segunda vinda. Jesus advertiu sobre os sinais na Terra, no céu e os conflitos religiosos. Por exemplo, em Mateus 15:19, Ele mencionou

“muito tempo”. Além disso, Cristo sabia acerca da futura perseguição de Seu povo (Mt 10:18), de Seu sofrimento (Mt 16:21; 17:12; 20:19), da traição que sofreria (Mt 26:34), do juízo final (Mt 10:15; 11:22; 12:36), da recompensa (Mt 19:29) e de Sua futura glorificação (Mt 11:27).

No entanto, Seu conhecimento não estava limitado ao futuro. Ele conhecia o Pai e O revelava a quem quisesse (Mt 11:27). Também podia ler os pensamentos do Seu público (Mt 9:4). Esse conhecimento superava o de qualquer outro ser humano, e obviamente estava ligado à Sua divindade. Mesmo assim, alguns elementos ainda permaneciam excluídos de Sua onisciência. Mateus 24:36 “é a mais clara expressão da limitação do conhecimento de Jesus no Novo Testamento”.²⁰ Contudo, deve-se levar em conta que Jesus conhecia a Deus, a humanidade e o futuro de maneira bastante detalhada, mesmo não sabendo de tudo.

Mateus e a divindade de Jesus. Ao passo que João é o Evangelho que mais enfatiza a divindade de Jesus, Mateus também faz referências ao tema. Cristo é o Senhor/Yahweh (Mt 3:3; Is 40:3). O Filho do Homem é capaz de perdoar pecados, o que é um privilégio reservado somente a Deus (Mt 9:6). Ele envia profetas, uma tarefa divina (Mt 23:34-36).²¹ Jesus é o Filho de Davi e Seu Senhor (Mt 22:45). Toda autoridade foi concedida a Cristo, isto é, Ele é onipotente (Mt 28:18). Além disso, Jesus também é membro da Trindade (Mt 29:19).

Dessa forma, em Mateus, Cristo é tanto Deus quanto Alguém que possui conhecimento que, de certa forma, é limitado. Assim, ao discutirmos essa limitação, não devemos negar Sua divindade. Não podemos abrir mão de uma verdade em favor de outra. A Bíblia apresenta muitos paradoxos,²² e aqui encontramos mais um deles. Ambas as afirmações são verdadeiras, e devem ser mantidas.

Mateus e a humanidade de Jesus. Apesar de ser membro da Trindade, Jesus difere do Pai e do Espírito Santo pelo fato de ser completamente humano e divino. Ele

manteve essas duas naturezas depois de Sua encarnação. Obviamente, Sua condição humana é atualmente a de uma natureza glorificada pela ressurreição. Mateus deixou claro que Jesus é um ser humano real, mesmo tendo sido concebido pelo Espírito Santo. Essa revelação é comprovada no primeiro capítulo de seu livro, que menciona o nascimento de Cristo. Porque Jesus era completamente humano, Ele passou fome como nós passamos (Mt 4:2), precisou saciar Sua sede (Mt 27:48), descansar (Mt 8:20), dormir (Mt 8:24), e encontrar algum tipo de abrigo (Mt 13:36). Cristo também foi tentado por Satanás (Mt 4:1-11). Como alguém sociável, relacionou-Se com as pessoas (Mt 9:10, 11), sentiu compaixão por Seu povo (Mt 9:36; 20:34), orou a Deus (Mt 14:23) e O louvou (Mt 26:30). Ele também Se sentiu desapontado (Mt 17:17), profundamente triste, a ponto de morrer (Mt 26:38), emocionalmente desamparado por Seus discípulos (Mt 26:42, 45), exausto e abandonado por Deus (Mt 17:23; 27:50). Como ser humano que está sujeito às necessidades físicas, emocionais e mentais, e participante das fraquezas da humanidade, Jesus havia temporariamente Se esvaziado de certas prerrogativas divinas (Fp 2:6-8; Mt 20:23),²³ tornando-Se subordinado ao Pai, que O enviou (Mt 10:40; 15:24).

Mateus e as limitações de Jesus. Como dissemos, a natureza humana de Cristo era limitada em alguns aspectos.²⁴ Nosso texto, Mateus 24:36, sugere que a onisciência de Jesus era limitada. Se lermos o restante do Evangelho, podemos notar que Sua onipresença também era limitada, muito embora ela seja reafirmada no fim do livro, isto é, no relato de Sua ressurreição (Mt 28:20). O mesmo parece ser o caso de Sua onipotência (Mt 26:53). Osborne escreveu: “Jesus é Deus-homem e, como tal, é totalmente Deus quanto homem. Isso envolveu limitações durante o tempo em que Ele esteve em Seu estado encarnado. Enquanto andava pela Terra, Ele não era onipresente, e havia restringido Sua onipotência e onisciência.”²⁵ Robert Mounce, ao comentar sobre

Mateus 24:36, destacou: “Assim como a onipotência do Filho não se manifestou no ato da tentação (Mt 4:1-11), Sua onisciência foi velada em uma área específica.”²⁶ Comentaristas explicam que o desconhecimento da parte de Jesus durante Sua encarnação deveria ser visto como algo positivo, ou seja, como evidência da autenticidade de Sua humanidade.²⁷

Conclusão

Mateus 24:36 é uma passagem intrigante, que menciona o desconhecimento de Jesus a respeito da data de Sua segunda vinda. Ele fez essa declaração durante Sua encarnação como ser humano e, portanto, ela deve ser compreendida sob essa perspectiva. O Evangelho de Mateus faz alusão tanto à divindade quanto à humanidade de Jesus, mesmo durante o período em que Ele viveu na Terra. Mateus nos mostra que, devido à encarnação, Cristo Se permitiu algumas limitações em certas áreas e atributos, que foram removidas após Sua ressurreição (Mt 28:18, 19). Portanto, essa passagem não pode ser usada nem para negar Sua divindade nem para excluí-Lo da Trindade.

Contudo, essa observação não parece ser o ponto central do argumento. O foco de Mateus 24:36 a 51 é a data não revelada da segunda vinda de Jesus e nossa reação a ela. Se essa data não era do conhecimento de Cristo enquanto esteve na Terra, então, nós também não devemos tentar calculá-la.²⁸ Ao contrário, devemos viver em um estado de constante preparação, esperando com alegria e ansiedade a segunda vinda do Senhor. **M**

Referências

¹ R. T. France, “Matthew”, *The New International Commentary on the New Testament* [NICNT] (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 2007), p. 939.

² Grant R. Osborne, “Matthew”, *Zondervan Exegetical Commentary on the New Testament* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010), p. 903.

³ Richard M. Davidson, “What Did Jesus Mean by ‘This Generation?’”, *Interpreting Scripture: Bible Questions and Answers*, v. 2, (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2010), p. 289-292 versus Daniel Patte, *The Gospel According to Matthew: A Structural Commentary on Matthew’s Faith* (Filadélfia, PA: Fortress Press, 1987), p. 341.

- ⁴ John Nolland, "The Gospel of Matthew: A Commentary on the Greek Text", *The New International Greek Testament Commentary* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 2005), p. 990.
- ⁵ V. 36: *oidā*; v. 39: *ginōskō*; v. 42: *oidā*; v. 43: *ginōskō*; v. 50: *ginōskō*.
- ⁶ David Hill, "The Gospel of Matthew", *The New Century Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1990), p. 326, 327.
- ⁷ R. T. France, "Matthew", *Tyndale New Testament Commentaries* [TNTC], (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1990), p. 351.
- ⁸ *ibid.*, p. 352.
- ⁹ Alexander Sand, "Das Evangelium nach Matthäus", *Regensburger Neues Testament* (Leipzig: St. Benno Verlag, 1986), p. 498; France, TNTC, p. 347; David L. Turner, "Matthew", *Baker Exegetical Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: Baker Academic, 2008), p. 589.
- ¹⁰ Nolland, p. 991.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 990.
- ¹² Veja Mateus 25:13, onde esses dois termos ocorrem novamente. Eles são inclusivos.
- ¹³ Alguns sugerem "Filho de Deus", France, NICNT, p. 940;
- enquanto outros propõem "Filho do Homem", v. 44, Donald A. Hagner, "Matthew 14-28", *Word Biblical Commentary 33B* (Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1995), p. 716.
- ¹⁴ Hill, p. 323, 324; Turner, p. 589; Heinrich A. W. Meyer, "Critical and Exegetical Handbook to the Gospel of Matthew", *Meyer's Commentary on the New Testament*, v. 1 (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1983), p. 427.
- ¹⁵ W. D. Davies e Dale C. Allison, "A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to S. Matthew XIX-XXVIII", *The International Critical Commentary on the Holy Scriptures of the Old and New Testaments*, v. 3 (Edinburgh: T. & T. Clark, 1997), p. 379.
- ¹⁶ Hill, p. 324.
- ¹⁷ Davies e Allison, p. 378.
- ¹⁸ France, NICNT, p. 940.
- ¹⁹ Osborne, p. 903.
- ²⁰ France, TNTC, p. 347.
- ²¹ Thomas R. Schreiner, *New Testament Theology: Magnifying God in Christ* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008), p. 193.
- ²² Ou seja, um Deus em três Pessoas.
- ²³ Kenosis, France, NICNT, p. 940; Stanley J. Grenz, *Theology for the Community of God* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 2000), p. 277.
- ²⁴ Gerald O'Collins, *Christology: A Biblical, Historical, and Systematic Study of Jesus* (Oxford: Oxford University Press, 1995), p. 121; Thomas C. Oden, "The Word of Life", *Systematic Theology*, v. 2 (Peabody, MA: Prince Press, 1998), p. 89.
- ²⁵ Osborne, p. 903, 904.
- ²⁶ Robert H. Mounce, "Matthew", *New International Biblical Commentary* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1991), p. 229.
- ²⁷ Turner, p. 589; Mounce, p. 229; Augustine Stock, *The Method and Message of Matthew* (Collegeville: The Liturgical Press, 1994), p. 374.
- ²⁸ Ver Ellen G. White, *Evangelismo*, <egw writings.org>, p. 221.



Ekkehardt Mueller é doutor em Teologia (Andrews University) e diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



XII SIMPÓSIO BÍBLICO-TEOLÓGICO SUL-AMERICANO: O justo viverá pela fé

27 de abril a 1º de maio de 2017

Público-alvo: Teólogos, pastores, estudantes de Teologia e demais interessados no assunto. Os participantes terão a oportunidade de refletir e aprofundar-se na análise da Epístola aos Romanos a partir de uma perspectiva exegética, histórica, teológica, pastoral e interdisciplinar.

Convidados:

Dr. Artur Stele, Associação Geral
Dr. Elias Brasil de Souza, Instituto de Pesquisa Bíblica
Dr. Ekkehardt Mueller, Instituto de Pesquisa Bíblica
Dr. Frank Hasel, Instituto de Pesquisa Bíblica
Dr. Alberto R. Timm, Ellen G. White Estate
Dr. Clinton Wahlen, Instituto de Pesquisa Bíblica
Dr. Kwabena Donkor, Instituto de Pesquisa Bíblica
Dr. Félix Cortéz, Universidade Andrews



**SOCIEDAD ADVENTISTA
DE INVESTIGACIÓN TEOLÓGICA**
UNIVERSIDAD ADVENTISTA DEL PLATA



SALT
SEMINÁRIO ADVENTISTA
LATINO-AMERICANO
DE TEOLOGIA



**UNIVERSIDAD
ADVENTISTA
DEL PLATA**

www.simpotiobiblico.uap.edu.ar

Aarón Menares

O livro de Deuteronômio, cujo nome provém da expressão *deuteronomion* (17:8), que significa repetição ou cópia,¹ é o discurso que Moisés deixou como legado a Israel, a fim de que as gerações de israelitas após o Êxodo não se esquecessem dos atos surpreendentes que Deus realizou por eles. Outro aspecto importante do livro está relacionado ao repúdio absoluto à idolatria, especialmente depois da tragédia de Baal-peor.²

Em seu conteúdo, o Senhor encorajou o povo a se manter fiel à aliança, pois, em pouco tempo, os israelitas estariam na terra prometida, onde se cumpririam totalmente as promessas divinas. Por esse motivo, Moisés incentivou os israelitas a entrar e possuir a terra (Dt 1:5-8).³

Deuteronômio apresenta três grandes divisões, que são três grandes discursos ou sermões. A primeira mostra o que Deus fez por Israel (1:1-4:43); a segunda, o que Deus esperava de Israel (4:44-26:19) e; a última, o que Deus faria por Israel (27:1-34:12).

O que é pregação?

A pregação é "a proclamação aberta e pública da atividade redentora de Deus *em* e *por meio* de Jesus Cristo".⁴ Existem algumas definições do termo que não podemos esquecer, e que o colocam em um lugar especial. Por exemplo, Phillips Brooks dizia que a pregação é a comunicação da verdade religiosa de um homem a outros homens. Por sua vez, Andrew Blackwood afirmava que é a verdade divina, como está na Bíblia, comunicada verbalmente; ou seja, a verdade de Deus proclamada por uma pessoa escolhida ou chamada por Ele. De acordo com Karl Barth, a pregação se torna Palavra de Deus. A palavra do homem é palavra de Deus conforme Ele Se apraz de usá-la para comunicar Sua verdade às pessoas. Orlando Costas afirmava



Teologia da pregação

que a pregação anuncia o reino de Deus, graças à obra salvífica realizada por Cristo.⁵

A teologia da pregação está associada à teologia da revelação. Por revelação entendemos o ato divino de disponibilizar ao conhecimento humano algo que anteriormente estava restrito à mente de Deus, e que o homem não poderia obter por si mesmo.⁶ A revelação, portanto, é o que Deus permite que seja conhecido e está em Sua Palavra.

Na teologia da pregação, o processo é semelhante. Entretanto, parte-se do que foi revelado: a Bíblia. Pregar é apresentar às pessoas o que Deus diz em Sua revelação. Assim, a doutrina da pregação tem base na Palavra de Deus; ou seja, ao expor as Escrituras Sagradas, cada pregador o faz assumindo uma enorme responsabilidade.

Ouvir a voz de Deus

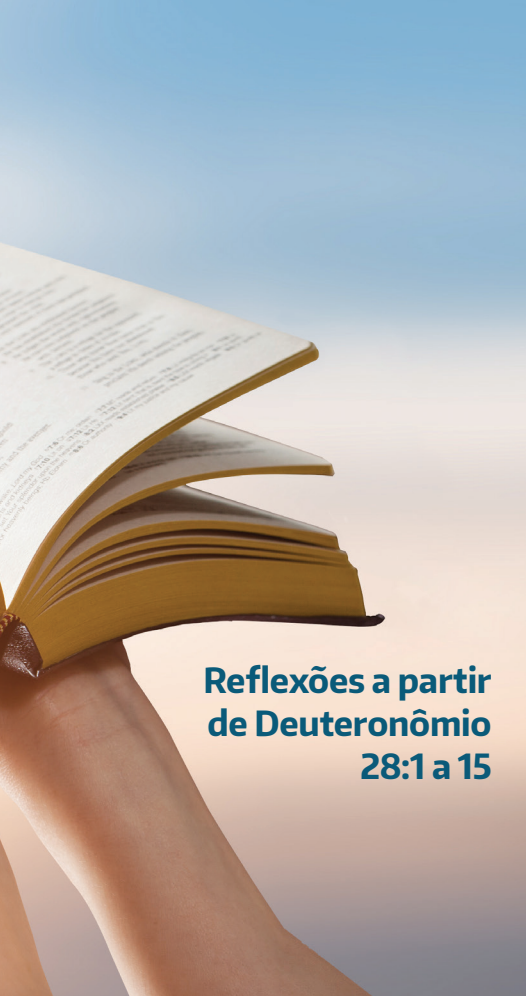
"Se atentamente ouvires a voz do Senhor, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os Seus mandamentos que hoje te ordeno, o Senhor, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da Terra. Se ouvires a

voz do Senhor, teu Deus, virão sobre ti e te alcançarão todas estas bênçãos" (Dt 28:1, 2).

Com essa introdução, Moisés deu a Israel uma mensagem íntegra e absoluta sobre o que Deus esperava deles como povo exclusivo. Em suas palavras estão associadas duas expressões antagônicas: bênção e maldição.

Obedecer à Palavra de Deus traz como consequência Suas bênçãos. De fato, o conteúdo de Deuteronômio tem a intenção de mostrar que é o Senhor, e não Baal, quem provê coisas boas. Além disso, salienta que é Deus, e não outra divindade com um ritual sacrílego, que tem o desejo de abençoar e não causar mal.⁷ Por outro lado, o livro também apresenta que a desobediência provoca a remoção da proteção divina, que leva ao sofrimento e às consequências naturais da vulnerabilidade.

Definitivamente, a pregação tem uma enorme importância, ao se considerar que o proclamador se torna um porta-voz de bênçãos ao povo. Esse fato implica uma imensa responsabilidade sobre o pregador, por ser ele quem busca incessantemente



Reflexões a partir de Deuteronômio 28:1 a 15

4/Max/Fotolia

na Bíblia a mensagem divina para si e para a vida da igreja.

Ouvir a voz de Deus e obedecer-lhe traria consequências visíveis ao povo de Israel. “As bênçãos da aliança podem ser divididas em três grupos: bênção sobre a terra e as pessoas (Dt 28:3-5), vitória contra os inimigos (v. 7) e exaltação de Israel sobre os adversários (v. 1, 9, 10, 13).”⁸

Embora nosso interesse não esteja concentrado no conteúdo das bênçãos, é importante destacar que elas são o resultado de “ouvir” as orientações divinas. Contextualizada para nossos dias, a pregação da Palavra de Deus pode trazer consequências semelhantes às descritas em Deuteronômio. Não podemos considerar a pregação apenas como algo que apresenta o que as pessoas querem ouvir. Necessita-se urgentemente de proclamação que estejam dispostos a levar ao povo as boas-novas da salvação.

É importante notar que Deuteronômio 28:1 a 15 apresenta claramente os

elementos básicos da pregação. Eles são: a mensagem divina; o pregador, proclamador e exortador, que é Moisés; e as pessoas, que ouvem a voz de Deus por meio do pregador. Desse modo, o povo tinha a possibilidade de aceitar a mensagem e praticar as orientações tanto individuais quanto coletivas. Atualmente, os três elementos também existem. A Bíblia; os pregadores, ministros da Palavra; e as pessoas, que formam a congregação. Elas também podem tomar decisões individuais e coletivas.

Naturalmente, o interesse de Israel se concentrava em seu bem-estar. Por isso, atender ao convite que Deus fazia por meio de Seu servo se tornava um imperativo. Em nossos dias, as pessoas também deveriam estar interessadas na salvação. Assim, deveriam atentar para a qualidade da pregação. O Senhor nos deu uma mensagem hoje? Será que posso voltar à minha casa com a convicção de ter aceitado uma verdade de Deus? Essas são algumas perguntas que poderiam ser feitas pelos ouvintes de um sermão. Não seria mau que a igreja exigisse mais dos pregadores. Não seria algo negativo se as pessoas quisessem ouvir mensagens vindas de Deus e não experiências pessoais.

A seção bíblica se encerra da seguinte maneira: “Não te desviarás de todas as palavras que hoje te ordeno, nem para a direita nem para a esquerda, seguindo outros deuses, para os servires. Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor, teu Deus, não cuidando em cumprir todos os Seus mandamentos e os Seus estatutos que, hoje, te ordeno, então, virão todas estas maldições sobre ti e te alcançarão” (v. 14, 15).

Conclusão

O Senhor deseja que Suas palavras sejam internalizadas no coração de Seus filhos. Portanto, a pregação aplicada na busca humilde e sincera da Palavra de Deus trará consequências positivas sobre as mentes que se sensibilizarem pela influência do Espírito Santo (Jo 16:8).

Evidentemente, não se deve esquecer que, nesse processo, o instrumento não passa disto: um instrumento. Mesmo assim, nas mãos de Deus, ele se torna tão poderoso que sua mensagem pode salvar vidas.

Assim como Moisés estava preocupado em transmitir a mensagem divina às gerações de israelitas após o Êxodo, pregadores contemporâneos devem procurar, com humildade e dedicação, apresentar a Palavra de Deus para que as pessoas se lembrem de sua condição pecaminosa e busquem fervorosamente o Senhor e a salvação.

Como Israel no passado, estamos às portas de Canaã. Portanto, apresentar corretamente a Palavra de Deus fará com que o Israel moderno possa ouvi-la e tomar decisões que trarão consequências eternas. Dessa maneira, assumir o papel de um arauto transmissor da mensagem divina ao povo fará uma diferença significativa e perceptível nas congregações atuais. **M**

Referências

- ¹ Wilton M. Nelson e Juan Rojas Mayo, *Nuevo Diccionario Ilustrado de la Biblia* [Edição Digital] (Nashville, TN: Editorial Caribe, 2000).
- ² Alfonso Lockward, *Nuevo Diccionario de la Biblia* (Miami, FL: Editorial Unilit, 2003), p. 285.
- ³ Ibid.
- ⁴ J. D. Douglas, *Nuevo Diccionario Bíblico* (Miami, FL: Sociedades Bíblicas Unidas, 2000).
- ⁵ Pablo Alberto Deiros, *Diccionario Hispano-americano de la Misión* (Casilla, Argentina: Comibam Internacional, 1997).
- ⁶ Alfonso Lockward, *Nuevo Diccionario de la Biblia* (Miami, FL: Editorial Unilit, 2003), p. 883.
- ⁷ D. A. Carson, R. T. France, J. A. Motyer e G. J. Wenham, *Nuevo Comentario Bíblico: Siglo Veintiuno* [Edição Digital] (Miami, FL: Sociedades Bíblicas Unidas, 2000), Dt 28:1-14.
- ⁸ Daniel Carro, José Tomás Poe e Rubén O. Zorzoli, *Levítico, Numeros, y Deuteronomio* (El Paso, TX: Editorial Mundo Hispano, 1993 -1997), p. 511.



Gentileza do autor

Aarón Menares é doutor em Teologia (Universidad Peruana Unión) e trabalha como professor da Faculdade de Teologia da Universidade Adventista do Chile

Parceria ministerial

O trabalho conjunto de pastores e colportores resulta no crescimento saudável da igreja local

Ezinaldo Pereira

Em suas atividades, o pastor deve contar com uma equipe de apoio ao seu lado. Isso é imprescindível para que o planejamento da igreja funcione e ele não sofra de sobrecarga e isolamento em seu trabalho. Um dos segredos da liderança é delegar atividades, redistribuindo funções e atuando em conformidade com os demais líderes.¹ Esse foi o conselho que o sogro de Moisés lhe deu, e que ele fez muito bem em atender (Êx 18:13-27).

O pastor pode contar com diversos colaboradores, por exemplo: anciãos, diáconos, líderes de ministérios, obreiros bíblicos e membros que voluntariamente separam algumas horas por semana para acompanhá-lo em suas atividades ou atender as demandas da administração da igreja. Neste artigo, porém, o objetivo é destacar um obreiro que, em seu trabalho cotidiano, exerce atividades correspondentes ao serviço pastoral, e que pode atuar junto ao ministro, tanto no atendimento aos membros quanto aos interessados. Esse obreiro é o colportor-evangelista.

Ele ocupa uma posição ministerial, atendendo àqueles que foram confiados à sua missão. Ellen G. White, cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia e grande apoiadora da obra da colportagem, declarou que um “colportor inteligente, temente a Deus e amante da verdade, deve ser respeitado porque ocupa uma posição *igual à do pastor*”.² A natureza de seu trabalho é profética e de cunho missionário, com o objetivo de proclamar a tríplice mensagem

angélica e preparar um povo para o segundo advento de Cristo.³

Desse modo, no exercício de sua função, o colportor cumpre a obra de um ministro. Visitando, orando, descobrindo interessados e pregando por meio da literatura, ele atende ao seu “distrito pastoral”, assemelhando-se ao pastor. Tal similaridade permite que pastor e colportor formem uma dupla ministerial, que foi valorizada por Ellen G. White quando declarou que a importância da colportagem “é perfeitamente igual à do ministério. O pregador vivo e o mensageiro silencioso são ambos necessários à conclusão da grande obra que está perante nós”.⁴

Considerando essa correspondência e compartilhando os objetivos comuns da missão, pastor e colportor formam uma dupla eficaz no atendimento ao distrito. Quando o ministro apoia o colportor, mobilizando os membros de suas igrejas a evangelizar com publicações ou até mesmo separar seu próprio tempo para distribuir literatura, ele está realizando uma obra “da mais elevada espécie”.⁵

De que maneira pastor e colportor podem trabalhar juntos? Abaixo seguem alguns exemplos de como essa relação pode funcionar.

Nutrição espiritual

Cada membro da igreja precisa ter acesso a materiais que favoreçam seu crescimento espiritual. Todos devem ter Bíblia, Lição da Escola Sabatina, livros teológicos denominacionais, obras sobre família,

saúde e relacionamentos, e periódicos como as revistas *Adventista*, *Vida e Saúde*, *Nosso Amiguinho*, entre outras.

Esse “banquete literário” favorece o processo de comunhão, aprendizado e crescimento intelectual da igreja. Para que os adventistas sejam profundos no conhecimento de Deus e Sua Palavra, será preciso que eles se dediquem ao estudo e à leitura.

A fim de ajudá-los quanto a esse propósito, o colportor distrital pode dispor parte de seu tempo para oferecer-lhes obras do interesse deles. Nas reuniões de quarta-feira, domingo, e também aos sábados à noite, ele pode disponibilizar uma estante em uma área adequada da igreja, para que membros e convidados conheçam a literatura com a qual trabalha.

O pastor pode identificar, nas visitas que faz, as necessidades referentes à literatura religiosa e, com isso em mente, indicar o trabalho do colportor, a fim de atender aos que estão sendo visitados. Ele ainda pode compartilhar com o colportor as informações de membros e amigos interessados, para que trabalhem juntos em favor da nutrição espiritual do distrito.

Liderança local

Embora o colportor possa atender todo o distrito, inevitavelmente sua carta de membro estará em apenas uma congregação. Nessa condição, o pastor poderá contar com a ajuda dele em funções administrativas da igreja local. Por exemplo, de acordo com os dons e habilidades do

colporteur, ele pode se engajar em algum departamento; de preferência, aquele que mais corresponda à natureza de seu ministério. Lembro-me de que no período em que trabalhei como colporteur permanente, as atividades do Ministério de Publicações sempre ficavam sob minha responsabilidade. Assim, eu podia promover a literatura da Casa Publicadora Brasileira. Recordo-me de várias assinaturas e livros que tive a alegria de entregar aos irmãos daquele distrito.

Uma sugestão é que o colporteur também auxilie o pastor na escala de pregação. Quando o distrito estiver recebendo uma equipe de colportores estudantes, o pastor poderá inserir no calendário homilético algumas datas para que os jovens puguem, apresentem testemunhos ou até mesmo dirijam o serviço de adoração. O culto de quarta-feira pode ser enriquecido com essa programação.

Quando atuei como colporteur em campanhas de estudantes ou de colportores permanentes, lembro-me de que os pastores locais planejavam a escala de pregações para que a equipe de colportagem cuidasse do culto de quarta-feira. Nessas ocasiões, organizávamos a leitura do livro do ano ou fazíamos alguma série temática, além de inserir, em todos os cultos, um testemunho do campo de trabalho local, justamente para motivar os irmãos ao evangelismo. Clientes interessados também eram convidados a participar desses cultos. Todos eles eram encaminhados à igreja.

O pastor também pode separar ao menos um sábado no bimestre ou trimestre para que o colporteur, ou a equipe de colportagem, apresente uma mensagem com testemunhos do que está ocorrendo naquele distrito por intermédio do evangelismo com publicações.

Os dois ministros, pastor e colporteur, poderão aconselhar-se, orar e planejar juntos. O pastor contará com o apoio e as orações constantes de mais um líder ao seu lado, e o colporteur, bem como sua

família, contará com o pastoreio de seu amigo ministro. Um movimento de mão dupla, de ministro para ministro.

Evangelismo

Além de atender os membros do distrito, pastor e colporteur precisarão ter um plano definido de como evangelizar seu território. Em suas visitas diárias, seja nas casas ou nos locais de trabalho (empresas, escritórios e comércio), o colporteur está em constante contato com pessoas que ainda não conhecem a Igreja Adventista. Desse modo, certamente ele alcançará locais que dificilmente o pastor, ou qualquer outro membro, conseguiria entrar. Conforme escreveu Ellen G. White: “Há muitos lugares em que a voz do pastor não pode ser ouvida, lugares que só podem ser alcançados pelas nossas publicações.”⁶

Nessas ocasiões, ele poderá identificar interessados em estudos bíblicos e que desejam conhecer mais sobre o adventismo. Tendo esses nomes devidamente anotados, ele deve entregá-los ao pastor ou à coordenadora de interessados da igreja local, para que uma equipe devidamente capacitada vá ao encontro dessas pessoas, a fim de atendê-las em suas necessidades espirituais.

De acordo com seu tempo, o próprio colporteur também pode ministrar estudos bíblicos a alguns desses interessados. Ellen G. White escreveu: “Quando o colporteur visita as pessoas em seus lares, muitas vezes terá a oportunidade de ler partes da Bíblia ou dos livros que ensinam a verdade. Quando ele descobre aqueles que estão buscando a verdade, pode realizar estudos bíblicos com eles. Esses estudos bíblicos são justamente o que o povo necessita.”⁷ Outra iniciativa pode ser convidar os interessados para programações evangelísticas que ocorrem na igreja, tais como séries de evangelismo público ou classes bíblicas.

Uma certeza que se tem é de que os esforços dos colportores serão plenamente prósperos. “Deus abençoa o pastor e o

evangelista em seus fervorosos esforços para colocar a verdade perante o povo. Assim Ele abençoará o colporteur fiel.”⁸

A parceria entre pastor e colporteur consolidará ambos os ministérios e, fortalecidos por essa comunhão ministerial, a igreja experimentará um crescimento saudável. Os membros serão atendidos pelos dois ministros em suas necessidades espirituais, sendo visitados, capacitados, ensinados e nutridos com literatura e a pregação da Palavra. Mais interessados serão encontrados por meio do trabalho do colporteur, e estes receberão o atendimento do pastor e dos membros da igreja. Pela escrita e pela voz, a Igreja Adventista cumprirá sua missão de pregar o evangelho eterno no contexto da tríplice mensagem angélica (Ap 14:6-12), pois é “em grande parte por meio de nossas editoras que se há de efetuar a obra daquele outro anjo que desce do Céu com grande poder e ilumina a Terra com sua glória.”⁹ Na cooperação entre pastores e colportores, vemos essa profecia se cumprindo de maneira mais ampla, de ministro para ministro. **M**

Referências

- 1 Stan Toler e Larry Gilbert, *Treinador de Líderes: Desenvolvendo Equipes Ministeriais Eficazes* (Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2014), p. 7.
- 2 Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, v. 6 (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 321. Grifo nosso.
- 3 Ellen G. White, *O Colporteur-Evangelista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1983), p. 13.
- 4 *Ibid.*, p. 17.
- 5 *Ibid.*, p. 15.
- 6 Ellen G. White, *O Colporteur-Evangelista*, p. 13.
- 7 Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, v. 6, p. 324.
- 8 Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, v. 6, p. 340.
- 9 Ellen G. White, *O Colporteur-Evangelista*, p. 13.

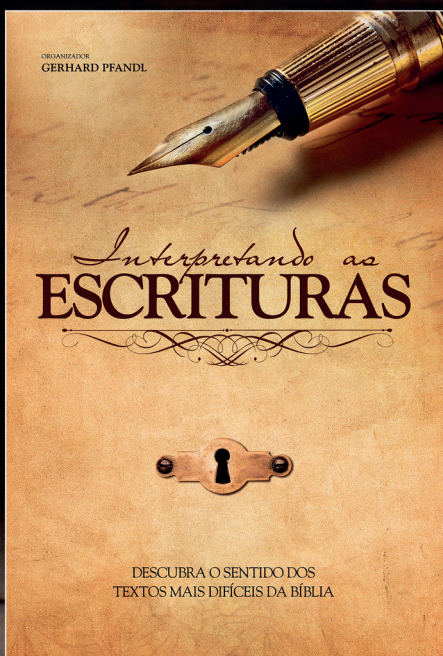


Gentileza do autor

Ezinaldo Pereira é mestre em Teologia (Universidad Peruana Unión) e serve como professor do Seminário de Teologia da Faculdade Adventista da Amazônia

COMUNHÃO PREPARAÇÃO ESTUDO

Uma seleção de livros e temas especiais para seu estudo pessoal.



INTERPRETANDO AS ESCRITURAS
Para seu estudo e conhecimento dos textos difíceis da Bíblia. Entenda e pratique!



PELO SANGUE DO CORDEIRO
Símbolos e cenários misteriosos que desafiarão você a firmar sua fé e vencer o mal.



ADVENTISMO
Detalhes do movimento milerita e reflexões a respeito de nossa história.

0800-9790606 | cpb.com.br | CPB livraria

Se preferir, envie CPBLIGA para o número 28908, e entraremos em contato com você.



/casapublicadora



CONCURSO DE ARTIGOS

A revista **Ministério** está promovendo pela primeira vez o Concurso de Artigos para estudantes de Teologia. Todos os alunos matriculados em programas de graduação ou pós-graduação podem participar.

TEMA E REQUISITOS PARA INSCRIÇÃO:

1. Em 2017 serão celebrados os 500 anos da Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero. Aproveitando essa ocasião histórica, o tema dos artigos deverá relacionar-se com esse evento. Os textos podem explorar aspectos *bíblicos, históricos, teológicos* e *aplicados* que dialoguem com a Reforma.
2. Os textos deverão ser enviados em MS Word para o e-mail ministerio@cpb.com.br. Por favor, inclua as seguintes informações no cabeçalho do artigo: nome, endereço, e-mail, telefone, afiliação religiosa, nome da instituição educacional em que está matriculado e o título do manuscrito.
3. Ao fazer citações bibliográficas, identifique as fontes. Insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use números arábicos nas notas. Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado. Os textos deverão conter no máximo 15 mil caracteres com espaço.
4. Será aceito somente um artigo por autor.

PRÊMIOS

1º lugar: Coleção Minicentro Ellen G. White

2º lugar: Coleção Comentário Bíblico Adventista

3º lugar: Bíblia de Estudo Andrews

A comissão avaliadora será formada pela equipe editorial da *Ministério*, por representantes do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia e da Associação Ministerial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Publicação

1. Não haverá devolução dos artigos enviados.
2. Os ganhadores do concurso darão à revista *Ministério* os direitos de publicação do artigo. Embora os editores pretendam publicar esses textos, a publicação não é garantida.

Data limite de inscrição:

Os textos deverão ser enviados até **30 de maio de 2017**

Apoio:



Seminário Adventista
Latino-americano de Teologia
Associação Ministerial

Multiplique esperança

Conheça as principais iniciativas da Igreja Adventista na América do Sul para 2017

Erton Köhler

Os capítulos 24 e 25 de Mateus são fundamentais no estudo acerca da segunda vinda de Cristo. O capítulo 24 descreve a condição do mundo, enquanto o 25 destaca o preparo pessoal. Nossa grande esperança passa obrigatoriamente por essas páginas da Bíblia. Nelas encontramos uma das melhores descrições da função dos líderes que estarão preparando um povo para o encontro com o Senhor:

a parábola dos talentos. Três destaques nos ajudam a aplicá-la em nossos dias.

O negócio do Senhor: Ao falar de talentos, Jesus não estava se referindo inicialmente a capacidades, dons ou habilidades especiais. É claro que essa aplicação pode ser feita, e tem apoio nos escritos de Ellen G. White. Entretanto, num sentido primário, essa referência tem que ver com recursos financeiros, com negócios. O texto está relacionado com

o negócio do Senhor: Sua igreja e a missão de salvar aqueles por quem Cristo morreu.

A volta do Senhor: A ênfase da parábola não está tanto na partida do senhor nem nos talentos que confiou a seus servos, mas na prestação de contas quando ele voltou (v. 19). Em outras palavras, é uma mensagem àqueles que administram os “negócios” do Senhor antes de Sua vinda. Um alerta aos líderes da igreja remanescente.



A expectativa do Senhor: A maneira com que cada servo cuidou dos talentos, bem como as palavras que recebeu como retribuição, revela a expectativa do Senhor; como Ele deseja que cuidemos de Sua igreja. Aqueles que multiplicaram foram abençoados, enquanto aquele que apenas manteve o que tinha foi amaldiçoado. Fica evidente que não fomos chamados apenas para manter, mas para fazer prosperar a igreja de Deus. Não somos um clube de santos preocupados em cuidar de nós mesmos, mas um povo que estabelece planos e projetos, e empenha recursos e talentos na multiplicação. Para isso, precisamos dos métodos corretos, de uma visão de quantidade e qualidade, além de um foco claro no discipulado.

A visão de multiplicação está na base de nosso projeto de ação integrada para

este ano. Queremos avançar sem medo de crise financeira ou dos desafios que o inimigo coloca em nosso caminho. Vamos seguir confiantes no poder do Espírito Santo, mantendo o foco em um discipulado com base em comunhão, relacionamento e missão. Um crescimento forte, mas consistente. Um movimento que tenha por base gente cuidando de gente, no fortalecimento da vida em comunidade e liderança em rede, onde toda a igreja esteja conectada e cada membro seja pastoreado.

Seguiremos enfatizando as áreas de cuidado estratégico para este quinquênio: novas gerações, comunicação, dons espirituais e formação teológica. Além disso, continuaremos investindo na consolidação do *Ciclo do Discipulado* para os novos conversos e no plantio de igrejas, especialmente nas grandes cidades.

O mais importante é que, como líder, você conheça o projeto, promova a visão de multiplicação, atue de forma integrada em cada uma das grandes ações e invista fortemente na visão de discipulado. Se avançarmos unidos sempre seremos mais fortes, chegaremos mais longe e iremos mais rápido. Integrados seremos relevantes e isolados nos tornaremos insignificantes.

Conheça a visão, as metas e ações especiais para 2017. Coloque as datas em destaque no calendário, as ênfases em discussão nas reuniões de anciãos e vamos juntos multiplicar esperança! **M**



Cortezia do autor

Erton Köhler é doutor honoris causa em Teologia (Universidad Peruana Unión) e serve como presidente da Igreja Adventista para a América do Sul

| | Comunhão | Relacionamento | Missão |
|---------------|---|--|---|
| Visão | Dedicar a primeira hora do dia ao Senhor. | Viver em comunidade. | Envolver cada adventista com as iniciativas de "Meu Talento, Meu Ministério". |
| Redes Sociais | #PrimeiroDeus | #VidaEmComunidade | #MeuTalentoeMeuMinisterio |
| Meta | Melhorar a qualidade da comunhão pessoal aumentando em 10% a aquisição de lições da Escola Sabatina. | Aumentar em 10% o número de líderes ativos nos Pequenos Grupos e Unidades de Ação da Escola Sabatina. | Alcançar um crescimento numérico real de 5% dos membros. |
| Ação | Despertar um grande movimento de comunhão, por meio do projeto <i>10 Dias de Oração e 10 Horas de Jejum</i> , estudando uma compilação com citações especiais do livro <i>Eventos Finais</i> em casas ou igrejas: 9 a 18 de fevereiro. | Promover a multiplicação de Pequenos Grupos com ênfase em líderes capacitados e rede de liderança: 5 de agosto. | Integrar a igreja nas seguintes atividades: <ul style="list-style-type: none"> • <i>Evangelismo de Semana Santa:</i> 8 a 15 de abril. • <i>Impacto Esperança</i> em áreas de grande circulação de pessoas e <i>Feiras de Saúde:</i> 27 e 28 de maio. • <i>Batismo da Primavera:</i> 23 a 30 de setembro. • <i>Evangelismo Público de Colheita:</i> 18 a 25 de novembro. |

Em cada desafio, uma oportunidade!

Franksongil Santos, pastor na região de Almerim, no Pará, precisou se superar para atender ao chamado de Deus. “Eu trabalhava na construção da Faculdade Adventista da Amazônia”, relata Santos, “em várias funções: serviços gerais, auxiliar de pedreiro, encanador, porteiro e vigia. Quando abriram o curso de Teologia, senti um forte desejo de me tornar um pastor. Mas, ao refletir sobre minha condição, senti medo, relutei e desisti.”

Depois de um ano, Santos contou sobre seu desejo para a secretária da instituição. Ela o incentivou a se inscrever no vestibular. Ele pensou: “Se for da vontade de Deus vou passar no vestibular, vencer os desafios e me dedicar inteiramente ao Senhor.” E foi o que aconteceu. Ele concluiu a faculdade de Teologia na segunda turma da FAAMA e seu primeiro distrito foi Almerim, distante aproximadamente oito horas de Santarém, Pará. O distrito tem quatro igrejas e seis grupos distribuídos entre as cidades de Almerim e Gurupá.

Vencendo a geografia

Suas igrejas se encontram em uma região de rios e as dificuldades geográficas



Gentileza da autora

foram seu primeiro desafio. “Vi que não tinha como pegar ônibus ou usar carro para chegar às igrejas. Tive a ideia de comprar uma lancha. Deus me abençoou. A Missão e a União Norte-Brasileira entraram com parte do dinheiro, e cheguei no distrito fazendo ‘coleta’ para terminarmos de pagar a lancha”, diz o pastor Santos sorrindo.

“Tenho vivido grandes experiências aqui. Cheguei a passar 15 dias sem voltar para casa. Mas o trabalho tem sido recompensador. O que mais me alegra é ver os irmãos me recebendo com essas palavras: ‘Pastor eu sabia que o senhor viria, estávamos lhe esperando’”, comenta.

No entanto, como a lancha era antiga, o motor quebrou e agora está em manutenção. Como não existe um barco que faça linha de transporte na região, para visitar as igrejas o pastor pega carona até onde o barco leva e depois pega uma *rabeta*, uma canoa com um pequeno motor. Para chegar à igreja mais distante, por exemplo, são mais de 16 horas.

Em dois anos de ministério já foram plantadas duas novas igrejas na região. “A gente tira madeira, mede, carrega, serra e ‘põe a mão na massa’; eles gostam de ver o pastor participando. É uma alegria plantar igrejas aqui”, disse. Hoje, ele entende os planos de Deus. “Eu vi que Deus trabalhou desde o início na minha vida, fiz coisas sem perceber que eram uma preparação. Todos os cursos que fiz, o tempo que trabalhei no garimpo e tive experiência com *rabeta* e motor, a experiência com construção na FAAMA, tudo contribuiu para o meu ministério”, ressalta Santos.

E o resultado de tanta paixão pelo ministério é visível. Após dois anos, seu

distrito apresentou um crescimento de 38,8% no número de membros. “A recompensa maior termina nas águas. É claro que a gente sente a distância da família, mas quando descemos às águas para batizar, o cansaço acaba e a gente recebe forças para continuar o ministério. No passado, os pioneiros que passaram por aqui ficavam meses longe de casa. Esse rio tem o suor, o sangue e as lágrimas de muitas pessoas por amor ao evangelho”, comenta.

Vencendo a pobreza

Em algumas localidades o desemprego é grande. As pessoas trabalham no cultivo do açaí e, quando acaba a safra, atuam na extração da madeira. As casas são erguidas na beira do rio, e da simplicidade surge a oportunidade. “Inauguramos aqui o batismo em domicílio”, explica Santos. “Como todas as casas são localizadas às margens do rio, quando a pessoa decide ser batizada fazemos o batismo no rio, na frente da casa, com toda a família e a igreja”, conclui.

Para ajudar no combate à pobreza, ele usa o ministério jovem. Uma vez por mês, os jovens são envolvidos em projetos sociais em benefício da comunidade local. Tal projeto ganhou o reconhecimento das autoridades e a Câmara Municipal de Gurupá condecorou o pastor como cidadão gurupaense. “Pode até parecer empolgação de iniciante, mas eu peço a Deus que me dê saúde e motivação para preparar muitas pessoas para o encontro com Jesus. Essa é a minha paixão”, finaliza Santos. **M**

Alínic Telles é assessora de comunicação da Igreja Adventista para a região Norte do Brasil

Invista em saúde

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem-se mantido na vanguarda por mais de 100 anos na defesa e propagação dos princípios de uma dieta saudável e nutritiva.

A aptidão física é uma pedra angular para se ter qualidade de vida. De vez em quando, alguém me pergunta: “O que é mais importante, o exercício físico ou a alimentação?” Costumo responder fazendo outra pergunta: “Você prefere viver sem coração ou sem cérebro?” Obviamente, precisamos de ambos para continuar vivendo! O mesmo é verdade em relação à aptidão física e nutrição, elas são igualmente importantes.

Em um mundo que está se tornando cada vez mais sedentário, nossas igrejas precisam começar a dar mais atenção à importância do condicionamento físico. É fácil relacionar alfabetização com leitura e escrita – habilidades essenciais para o sucesso na vida. Da mesma forma, a importância da alfabetização física é relativamente nova e inclui motivação, confiança, competência física, conhecimento e entendimento para valorizar e assumir a responsabilidade de se envolver em atividades físicas essenciais para a vida (“Physical Literacy”, *Wikipedia*).

A alfabetização física alcançará melhores resultados se for incentivada a partir da infância por meio de atividades básicas, como correr, saltar, pular ou nadar. Quando crianças e adolescentes aprendem a se movimentar, eles se tornam mais proativos na vida. Os jovens que desenvolvem atividades físicas tendem a cultivar um estilo de vida mais saudável quando adultos.

Os benefícios da alfabetização física se estendem a muitas áreas da vida.



Yanlev / Fotolia

Ellen G. White explica: “A saúde está na própria base do sucesso do aluno. Sem ela, ele nunca pode ver o resultado de suas aspirações e esperanças. Tornar conhecida as leis pelas quais a saúde é garantida e preservada é de suprema importância. O corpo humano pode ser comparado a uma máquina que precisa de cuidados para se manter em ordem e bem ajustada. Nenhuma parte deve estar sujeita à desgaste e pressão constante, enquanto outra parte à oxidação por inércia. Quando a mente é sobrecarregada, os músculos também devem ter sua cota de exercício. Os jovens devem aprender a controlar seus hábitos alimentares – o que comer, quando comer e como comer. Eles devem estar cientes de quantas horas podem gastar estudando, e quanto tempo deve ser dedicado ao exercício físico” (*Signs of the Times*, 26/8/1886).

Atualmente, as agências governamentais e organizações de saúde recomendam 60 minutos de atividades físicas por dia para ter qualidade de vida. No entanto, pesquisas demonstram que a maioria dos jovens e adultos não têm atendido a essa recomendação. Você tem alcançado essa meta diária?

Aqui estão algumas ideias para estimular a prática de atividades físicas no programa de sua igreja:

- Dê o exemplo: faça caminhada com sua família.
- Vá para um parque público e pratique algum esporte: jogar bola, natação, andar de bicicleta, etc.
- Convide os membros da comissão de sua igreja para ficar em pé durante algum tempo, em vez de ficar assentados o tempo todo.
- Quando for aconselhar alguém, convide essa pessoa para caminhar enquanto conversam.
- Planeje atividades físicas para sua igreja que envolvam acampamentos, caminhadas, corridas ou jogos.
- Organize atividades físicas para sua comunidade.
- Encoraje os membros de sua igreja e comunidade a participar de campanhas de atividade física, como o *Mexa-se Pela Vida*.

Essas atividades simples irão contribuir para a melhoria da condição física dos membros de sua igreja e comunidade.



Cortesia do autor

Fred Hardinge é médico e diretor associado do departamento de Ministério da Saúde da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia

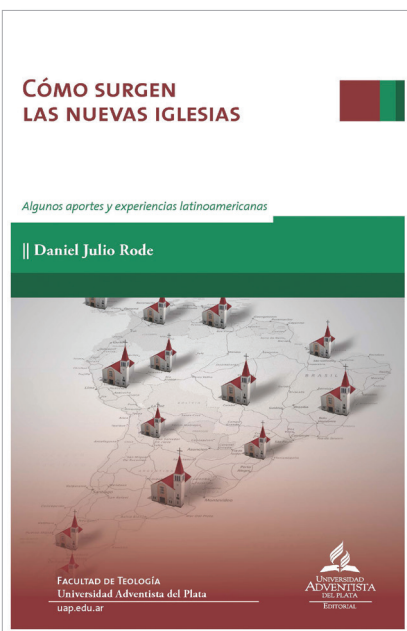


MOVIMENTOS DE PLANTAÇÃO DE IGREJAS

David Garrison, Editora Esperança, Curitiba, PR, www.editoraesperanca.com.br, 362 páginas.

Na última década, milhões de novos cristãos entraram para o reino de Cristo através dos movimentos de plantio de igrejas. O objetivo deste livro é ajudar na compreensão desses processos. Em suas páginas, o leitor poderá ver não somente o *que* Deus está fazendo, mas também *como* Ele está fazendo.

O autor descreve relatos empolgantes sobre como 4 mil igrejas foram plantadas no norte da Índia; 150 mil ciganos abraçaram a fé em Jesus na Europa; 160 mil chineses foram batizados; 150 mil muçulmanos se converteram ao cristianismo; 15 mil novas congregações foram plantadas em apenas um ano e analisa como a explosão do cristianismo do primeiro século renasceu no século 21. [Márcio Nastrini]



CÓMO SURGEN LAS NUEVAS IGLESIAS

Daniel Julio Rode, Universidad Adventista del Plata, Libertador San Martin, Entre Rios, Argentina, www.uap.edu.ar, 153 páginas.

Esta obra é o resultado das experiências do doutor Daniel Rode como pastor, professor e plantador de igrejas, por mais de 40 anos. *Cómo Surgen las Nuevas Iglesias* é um trabalho da área teológica relacionado com o assunto de crescimento de igrejas. O autor tem como propósito principal mostrar que o estabelecimento de novas congregações é parte fundamental da missão designada por Jesus aos cristãos, e a missão é a prioridade de Deus para Sua igreja na Terra.

O livro contém diversos exemplos do surgimento de igrejas na América Latina. Rode apresenta a base teológica para as "pequenas comunidades religiosas" no Antigo e Novo Testamentos e faz uma reflexão sobre o potencial dos jovens para plantar igrejas, especialmente nas grandes cidades. O autor dedica parte do conteúdo para responder à pergunta "Por que estabelecer novas igrejas?", e apresenta modelos práticos de como fazê-lo.

O material é enriquecido com a história latino-americana do estabelecimento de igrejas e as experiências de pastores e alunos dos cursos de pós-graduação em que o autor lecionou. Os exemplos tomados da realidade tornam o conteúdo do livro indispensável para todo discípulo de Cristo interessado na missão de plantar igrejas. [Walter Steger]



<http://pastor.adventistas.org>

O que nos torna conhecidos?

Em 12 de outubro de 2006, Charles Carl Roberts invadiu uma escola amish localizada em Nickel Mines, um povoado da Pensilvânia, Estados Unidos. Em suas mãos levava uma arma, com a qual atirou em dez meninas, antes de se matar. Lamentavelmente, cinco delas faleceram. Todas as vítimas eram da comunidade amish.

A pergunta é: como teríamos reagido, como adventistas, caso essa tragédia tivesse ocorrido em um de nossos colégios? Com ira? Com ódio contra quem cometeu um ato tão abominável? Como reagi a comunidade amish?

Os amish se aproximaram da família do assassino para consolá-la, e ainda ofereceram apoio emocional e financeiro. Vários familiares das garotas assassina-das compareceram ao funeral de Charles Carl Roberts.

De fato, essa reação não foi algo incomum para a comunidade amish. Eles têm uma larga tradição de pacifismo e espírito de perdão. Esse princípio está tão enraizado neles que quando o assassino estava apontando sua arma em direção ao grupo de estudantes, uma das meninas, de 13 anos, ofereceu-se para morrer com a esperança de salvar suas colegas.

Os amish, como os menonitas, têm sua origem com Felix Manz e Conrad Grebel, dois anabatistas da Suíça. O movimento herdou o nome de Jacob Amman (1656-1730), um menonita suíço. Tive a oportunidade de visitar uma colônia menonita próxima de Guatraché, La Pampa, Argentina. Seus princípios de amabilidade, hospitalidade, pacifismo e ajuda mútua são realmente notáveis.

A disposição de perdoar e promover a paz identificam o movimento amish. A adolescente que ofereceu sua vida para salvar as demais colegas foi nomeada



O testemunho pessoal é determinante para que as pessoas se aproximem de nossas congregações.”

“A pessoa mais inspiradora de 2006” pelo Beliefnet.com, um site que reúne vários grupos religiosos cristãos.

Então vem a pergunta: Pelo que são conhecidos os adventistas? Estamos influenciando o mundo com a mensagem mais importante que temos a dar? O que nos identifica?

O Apocalipse fala do remanescente, um grupo de pessoas que “guarda os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Ap 12:17; 14:12). É verdade, guardamos o sábado e somos conhecidos por isso. Contudo, os mandamentos divinos não somente orientam nossa relação com o Senhor, mas também com nossos semelhantes. Cristo resumiu a lei da seguinte maneira: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes” (Mc 12:30, 31). Nós nos orgulhamos de observar o primeiro e grande mandamento, porém, estamos sendo reconhecidos por guardar também o segundo grande mandamento, o de amar nosso próximo como a nós mesmos?

No contexto do crescimento de igreja, o testemunho pessoal é determinante para que as pessoas se aproximem de nossas congregações. Que sejamos conhecidos como “povo mais inspirador”, por amar a Deus – observando Seus mandamentos – e o próximo. **M**



Giennilaza do autor

Marcos Blanco é doutorando em Teologia (Adventist International Institute of Advanced Studies) e editor da revista *Ministério*, edição em espanhol



Série
LOGOS

Dicionário Bíblico

Fornece detalhes sobre personagens pouco conhecidos, expõe o sentido de expressões nas línguas bíblicas, harmoniza cronologias, oferece um panorama dos livros bíblicos e explora manuscritos e versões antigas, conectando dados bíblicos, históricos e arqueológicos envolvidos no contexto das Escrituras. Contém mapas explicativos, tabelas, diagramas e ilustrações que auxiliam o leitor a compreender o conteúdo de forma mais didática.



0800-9790606 | cpb.com.br | CPB livraria

Se preferir, envie CPBLIGA para o número 28908, e entraremos em contato com você.



/casapublicadora